

AS MULTIFACES DA CLEMENTINO

UM MERGULHO NAS TRANSFORMAÇÕES MORFOLÓGICAS

DA PRAÇA CLEMENTINO PROCÓPIO

ANA CARLA DE SOUSA LIMA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE TECNOLOGIA E RECURSOS NATURAIS
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO
ANA CARLA DE SOUSA LIMA

**AS MULTIFACES DA CLEMENTINO:
Um mergulho nas transformações morfológicas da
Praça Clementino Procópio em Campina Grande - PB**

Monografia apresentada junto ao curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito à obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Prof. Dr. Mauro Barros Normândo Filho

CAMPINA GRANDE/2018



Trabalho de Conclusão de Curso "AS MULTIFACES DA CLEMENTINO: Um mergulho nas transformações morfológicas da Praça Clementino Procópio em Campina Grande/PB", apresentado por ANA CARLA DE SOUSA LIMA, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo outorgado pela Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Tecnologia e Recursos Naturais, Unidade Acadêmica de Engenharia Civil, Curso de Arquitetura e Urbanismo.

APROVADO EM: 08 de agosto de 2018

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Mauro Norberto Macedo Barros Filho
Orientador - Presidente

Prof.ª Dr(a). Kainara Lira dos Anjos
Examinadora Interna

Prof.ª Msc. Karla Azevedo dos Santos
Examinadora Externa

*“Ainda vão me matar numa rua.
Quando descobrirem,
principalmente,
que faço parte dessa gente
que pensa que a rua
é a parte principal da cidade.”*

Paulo Leminski

*Dedico a memória de **José João de Sousa**, meu avô e padrinho, que sempre foi amor e a quem tanto queria presenciar a conclusão desta etapa. O senhor se perpetua em mim também.*

AGRADECIMENTOS

Na compreensão que este trabalho marcou uma fase de amadurecimento pessoal e acadêmico, sou só grato a todos que contribuíram para sua conclusão e desenvolvimento.

Primeiramente agradeço a **Deus**, aquele que me presenteou com o dom da vida e sempre zelou por mim, que me deu forças durante toda essa caminhada e me acolheu através da minha família e amigos nos momentos em que pareciam não mais valer a pena. Todos os que agradeço hoje, tenho certeza que foram bênçãos enviadas por Ele.

Aos meus pais, **Matias e Cristiane**, que sempre foram porto seguro. A minha mãe, por sua serenidade e força que nunca desistiram de mim, pelos cafés, sopas, por sentar comigo nas madrugadas insones, pelos pitacos nos projetos. Ao meu pai, que sempre foi grande parceiro e nesses cinco anos não foi diferente, por ser alarme, por me acompanhar nos levantamentos de campo, por me escutar nas crises. A eles, minha base, devo o presente mais bonito de todos: Andréia e Francisco Eduardo.

A minha irmã, **Andréia**, pela paciência e carinho em aguentar uma colega de quarto com os horários de sono mais improváveis e por ser rocha nos momentos difíceis. A meu irmão, **Dudu**, que mesmo na pouca idade sempre foi um grande confidente.

Aos meus avós, **Paisuíno** (Jesuíno – *in memoriam*) e **Mãequinha** (Francisca Lima), **Vovô Zezinho** (José João de Sousa - *in memoriam*) e **Vovó Neci**, por mesmo de longe, no meu querido Piauí, sempre acreditaram em mim e nunca faltaram com amor. Ao meu tio e padrinho **Luciano**, aquele que sempre incentivou minha educação, sempre atento, disponível e carinhoso, minha mais sincera gratidão.

A toda a minha família, tão numerosa e abençoada, obrigado pela confiança e amor.

Aos meus amigos **Hanna, Feliciano, Larissa, Tiago, Pedro César e Bianca** que me acolheram ao chegar em Campina Grande e me deixaram amadurecer junto com eles, obrigado pelas confidências e risadas, vocês permitiram que essa jornada fosse mais leve e por isso não posso ser mais grata.

Aos presentes que a universidade me trouxe, conhecidos, amigos e anônimos (com olhares e sorrisos) que permitiram que os últimos seis anos tão enriquecedores, apesar de cansativos, fossem possíveis.

gratidão

Ao meu amigo **Baden**, que foi confidente desse amadurecer na vida, por nossas trocas à distância.

A **Maria Clara**, por esses anos partilhados, pelas madrugadas e batatas, por trazer sempre a fé.

A **Ettore**, meu antagonista (como ele gosta de afirmar), por esse encontro na vida!

A **Fernanda**, por sua presença radiante; pelas melhores reflexões e gargalhadas, por ser mãe de Pisadinha.

A **Igor Michel**, por me ensinar a amar mais - a fotografia, os cafés, a vida, a mim mesma.

A **Eugênio**, pelas confidências e apoio, por dividir suas memórias de infância nessa praça.

A **Carlos Alberto, Karla, Roberta, Agharad, Bea, Rianne, Breno Crispim e Hugo**, pelas conversas, abraços e conselhos.

Ao café de **Seu Hélio** e o sorriso de **Hely**; a **Breno Alves, Guilherme Bayma, Samuel Melo e Igor Natanael**, pelas conversas que alegravam meu dia e por acreditarem que esse trabalho seria concluído a tempo; a **Jorifferson**, que sempre nos salvou nas idas à coordenação e pelos papos sobre o futuro. E a todos os professores e funcionários da UFCG que contribuíram todos esses anos!

Em especial ao Professor **Heitor**, que me introduziu como pesquisadora e marcou em mim o desejo de tentar compreender a cidade; a **Demóstenes**, professor e amigo, que é exemplo de profissional e pessoa e ouviu paciente para as diversas temáticas que este TCC já teve; a Professora **Kainara**, que mesmo chegando na reta final, me marcou com seu jeito doce e não me deixou desistir; e ao meu orientador **Mauro**, por todo incentivo e paciência nessa jornada tão difícil, mas tão gratificante.

Ao blog **Retalhos Históricos de Campina Grande** e a **Walter Tavares** pelo cuidado com a memória de Campina Grande e pelas fotografias preciosas que permitiram a execução deste trabalho.

Para finalizar, um agradecimento especial a menininha que fui (e ainda tento ser), que sempre amou conhecer e se fascinar pelas pessoas, registrá-las com suas linhas tortas e colorir ultrapassando os limites do desenho, fotografá-las sem compreender enquadramento, uma menina que sentia e era curiosa pelo sentir do outro.

Hoje, finalizo uma etapa querendo contar um pouquinho da história de uma praça, que presenciou e se metamorfoseou junto com gerações campinenses e marcou minha afetividade com essa cidade. Um salve a persistência dos nossos espaços públicos e, em especial, **a minha querida Praça Clementino Procópio!**

RESUMO

Este trabalho possui como objeto de estudo a Praça Clementino Procópio, com enfoque nas transformações morfológicas inferidas desde a sua gênese. A bibliografia dedica-se em explorar a morfologia urbana, abordagens morfológicas, praça e fotografia. Dessa forma, o objetivo geral deste trabalho é resgatar as transformações morfológicas ocorridas na Praça Clementino Procópio, desde sua formação, provocadas por diferentes contextos históricos, sociais e econômicos da cidade de Campina Grande através de reconstituição bidimensional a partir da seleção de fotografias, desenhos técnicos e material cartográfico disponíveis. O processo metodológico estruturou-se em (i) pesquisa bibliográfica; (ii) coleta de dados; (iii) identificação das fases e reconstituição; (iv) análise e cruzamento de dados. Os desenhos elaborados nesta pesquisa oferecem suporte para análise e identificação dos elementos morfológicos, assim como documenta a memória da Praça.

Palavras-chave: Morfologia Urbana; Praça, Fotografia; Praça Clementino Procópio.

ABSTRACT

This work has as object of study the Clementino Procópio Square, focusing on the morphological transformations inferred since its genesis. The bibliography is dedicated to exploring urban morphology, morphological approaches, square and photography. In this way, the general objective of this work is to recover the morphological transformations that took place in the Clementino Procópio Square, from its formation, provoked by different historical, social and economic contexts of the city of Campina Grande through two-dimensional reconstitution from the selection of photographs, and cartographic material available. The methodological process was structured in (i) bibliographic research; (ii) data collection; (iii) phase identification and reconstitution; (iv) analysis and cross-checking of data. The drawings elaborated in this research offer support for analysis and identification of morphological elements, as well as documents the memory of the Square.

Keywords: Urban Morphology; Square, Photography; Praça Clementino Procópio.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Planta da Casa-tribo. Fonte: WEIMER (2005) apud CALDEIRA (2007, p. 60).

Figura 2: Esquema de organização espacial indígena Aldeias Bororo (A), Yawalaiti (B), Xavante (C), Tapirapé e Tampitauá (D) Fonte: MONTEZUMA (2002) apud CALDEIRA (2007, p. 64).

Figura 3: Espacialização da cidade de Campina Grande, na Paraíba e no Brasil. Fonte: fotomontagem de Igor Michel (2018)

Figura 4: Espacialização da Praça Clementino Procópio na cidade de Campina Grande. Fonte: fotomontagem de Igor Michel (2018)

Figura 5: Localização da Praça Clementino Procópio. Fonte: Google Earth (2018) editado pela autora.

Figura 6: Primeira metade da década de 1930, com destaque para a Antiga Cadeia, o Cine Capitólio em construção e a Empresa de Luz e Força Campinense. Fonte: Blog Retalhos Históricos de Campina Grande (2017)

Figura 7: Croqui da fase antecessora a construção da Praça Clementino Procópio. Fonte: Desenho base elaborado pela autora e edição em parceria da autora e Igor Michel (2018).

Figura 8: Croqui da primeira fase da Praça Clementino Procópio. Fonte: Desenho base elaborado pela autora e edição em parceria da autora e Igor Michel (2018).

Figura 9: Croqui da segunda fase da Praça Clementino Procópio. Fonte: Desenho base elaborado pela autora e edição em parceria da autora e Igor Michel (2018).

Figura 10: Croqui da terceira fase da Praça Clementino Procópio. Fonte: Desenho base elaborado por Elaine Souza(2014) e edição em parceria da autora e Igor Michel (2018).

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Foto 1: Uma maloca Yanomami, Brasil © Survival. Fonte: https://assets.survivalinternational.org/pictures/299/yanomami-maloca_screen.jpg Acesso: julho/2018

Foto 2: Início da década de 1930, com destaque para a Antiga Cadeia, o Cine Capitólio em construção e a Empresa de Luz e Força Campinense. Fonte: Blog Retalhos Históricos de Campina Grande (2017)

Foto 3: Cadeia Pública Fonte:

Foto 4: Igreja do Rosário. Fonte: Blog Retalhos Históricos de Campina Grande (2018)

Foto 5: Empresa de Luz e Força Campinense. Fonte: Blog Retalhos Históricos de Campina Grande (2018)

Foto 6: Praça Clementino Procópio no final da década de 1930, com destaque para o Cine Capitólio, a Empresa de Luz e Força Campinense e a Igreja do Rosário ainda construída. Fonte: Blog Retalhos Históricos de Campina Grande (2017)

Foto 7: Primeira Igreja Batista e banheiro público a leste da Praça Clementino Procópio, o registro data possivelmente da década de 1940. Fonte: Blog Retalhos Históricos de Campina Grande (2018)

Foto 8: Praça Clementino Procópio na década de 1940, fotografado de cima do Cine Capitólio, destaca-se nesta o pavilhão e a vegetação da praça nesse período. Fonte: Oh, Campina (2004).

Foto 9: Interior da Praça Clementino Procópio na década de 1940, com destaque para o pavilhão ao fundo, o desenho dos canteiros, a iluminação e os bancos. Fonte: Oh, Campina (2004).

Foto 10: Praça Clementino Procópio e da Ternura na década de 1950. Fonte: Retalhos Históricos de Campina Grande (2017)

1

Introdução

13

2

Referencial Teórico

Morfologia Urbana 16

Praça 24

Fotografia como fonte histórica 34

3

Campina Grande e a Praça Clementino Procópio

Caracterização da cidade 38

A praça Clementino

Procópio na cidade 42

4

Metodologia

Etapas metodológicas 46

Definição das fases da Praça Clementino Procópio 47

SUMÁRIO

5

A praça e seus momentos

Largo do Rosário 52

“Praça da Luz”; “Praça do Capitólio” 58

“Praça do Abrigo Maringá e Praça da Ternura” 66

“Praça dos Hippies” 74

6

Considerações Finais

86

7

Referências

89



INTRODUÇÃO

1. INTRODUÇÃO

As cidades como organismos vivos se transformam fisicamente condicionadas a mudanças sociais e econômicas de seu contexto. Os espaços livres públicos, por consequência, seguem esse ritmo. As praças, objeto de maior destaque desta pesquisa, são espaços ideais do encontro e das manifestações do público, e, por sua visibilidade, sofrem, de forma mais frequente e intensa, intervenções, seja pela necessidade da cidade ou pelo interesse de gestões em deixar suas marcas no tecido urbano (MACEDO, 2010).

Nessas circunstâncias, este trabalho se propõe a estudar as transformações morfológicas que a Praça Clementino Procópio em Campina Grande sofreu desde sua gênese. Essas mudanças ocorreram no último século e estão intimamente relacionadas ao contexto que o município passava e os valores que desejava estampar nas avenidas, praças e edifícios. O foco deste estudo é trazer à luz essas formas urbanas reforçando a memória deste importante espaço público e das gerações “que tiveram as suas sensibilidades tecidas nos bancos das praças, por caminhantes que pisavam cotidianamente naquele chão e davam sentido ao ser urbano e ao viver e conviver urbano” (SILVA, 2014, p. 11).

“Praça da Luz”, “Praça do Capitólio”, “Praça da Ternura”, “Praça do Abrigo Maringá”, “Praça dos Hippies”, “Praça Clementino Procópio”, diferentes nomes para uma mesma área que reconfigurou-se várias vezes no último século assim como a “Rainha da Borborema”, a “Metrópole do Sertão”: Campina Grande. Todas essas denominações podem ser visto como síntese do que essa praça vivenciou e do que vai ser explorado durante toda essa obra.

Dessa forma, o objetivo geral deste trabalho é resgatar as transformações morfológicas ocorridas na Praça Clementino Procópio, desde sua formação, provocadas por diferentes contextos históricos, sociais e econômicos da cidade de Campina Grande. E como objetivos específicos se propõem:

- Resgatar as principais configurações urbanas da Praça Clementino Procópio através de reconstituição bidimensional a partir da seleção de fotografias, desenhos técnicos e material

cartográfico disponíveis.

- Analisar os elementos morfológicos presentes em cada fase identificada.

Para isso, o presente trabalho organiza-se em quatro capítulos voltados a explorar a Praça Clementino Procópio e a problemática proposta. O capítulo 2, “Referencial Teórico”, dedica-se a explorar conceitos de morfologia urbana, praça e a fotografia como fonte histórica, reunindo, dessa forma, as discussões que deram suporte às análises. O capítulo 3, “Campina Grande e a Praça Clementino Procópio”, caracteriza e contextualiza Campina Grande e a praça nela inserida. O capítulo 4, “Metodologia”, por sua vez, dedica-se às etapas metodológicas e define as fases que a praça teve nesse espaço temporal. O capítulo 5, “A praça e seus momentos”, condensa a análise das configurações formais da praça, seus elementos morfológicos e faz memória fotográfica das transformações sofridas, além de analisar comparativamente esses momentos da Praça Clementino Procópio.

Além de resgatar suas linhas e expressões formais, este trabalho busca alertar da vulnerabilidade de nossos espaços e do quanto nossa memória de cidade não está sendo documentada ou preservada como deveria. Dessa forma, esteja convidado a mergulhar nesse relato de transformação e memória de uma praça que marcou e marca tantas gerações campinenses.



REFERENCIAL TEÓRICO

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Como esse trabalho busca compreender a metamorfose da Praça Clementino Procópio e consequentemente de Campina Grande, nesse capítulo serão trabalhados conceitos que deram suporte para essa análise. Compreender as discussões sobre morfologia urbana, investigar a praça como espaço da sociabilidade e seu papel na configuração do urbano, assim como a participação essencial da fotografia e da cartografia no processo de contar essas histórias.

2.1. Morfologia Urbana

Nossas cidades sofreram processos muito distintos de desenvolvimento e origem, refletidos em sua organização espacial e na relação da população com o urbano. As reflexões desses processos podem se apoiar no estudo de suas formas, de suas tipologias e de suas formas de ocupação. Para iniciar as discussões, faz-se necessário compreender a base da morfologia urbana e os principais estudiosos da temática.

De acordo com Oliveira¹ (2018), a morfologia urbana pode ser entendida como o estudo da forma física das cidades, dos seus principais atores e dos processos de transformação urbana que modelam essa estrutura. Quando se reconhecem os agentes por trás do processo de configuração urbana, consegue-se perceber mais profundamente aspectos não só urbanos e arquitetônicos, mas econômicos, sociais e até mesmo culturais.

É a partir da análise das formas que se busca compreender os fenômenos que as originaram, “defi-

¹ Vítor Oliveira, natural do Porto, Portugal, é arquiteto, docente universitário e investigador. É licenciado em Arquitetura pela FAUP, Mestre em Planeamento e Projeto do Ambiente FAUP / FEUP e Doutor em Planeamento Urbano / Engenharia Civil pela FEUP. Presidente do PNUM, membro do Conselho Científico do ISUF, editor da 'Revista de Morfologia Urbana', membro do Editorial Board da revista Urban Morphology e Advisory Editor da coleção The Urban Book Series (Springer). Em 2016 publicou o livro Urban Morphology, an introduction to the study of the physical form of cities.

nindo e explicando a paisagem urbana e sua estrutura” (LAMAS², 2011, p.37).

“O termo ‘morfologia’ utiliza-se para designar o estudo da configuração e da estrutura exterior de um objeto. É a ciência que estuda as formas, interligando-as com os fenômenos que lhes deram origem. A morfologia urbana estudará essencialmente os aspectos exteriores do meio urbano e as suas relações recíprocas, definindo e explicando a paisagem urbana e sua estrutura” (LAMAS, 2011, p.37).

Assim, o objeto de estudo da morfologia reside na maneira que os elementos urbanos se consolidaram e conformaram a cidade, como aponta Rego e Meneguetti³ (2011). Destaca-se ainda seu forte caráter multidisciplinar, que recebe contribuições da arquitetura, geografia, história e planejamento urbano (OLIVEIRA, 2018).

2.1.1 Elementos Morfológicos por Lamas (2011)

Assim como na arquitetura é possível reconhecer elementos morfológicos em sua composição, como elementos construtivos e espaciais, capazes de marcar estilos e períodos: como as cornijas e frontões em períodos clássicos, ou até mesmo elementos sempre presentes como escadas e janelas; esta percepção é extensiva ao espaço urbano.

2 José Manuel Ressano Garcia Lamas é arquiteto, nascido e formado em Lisboa, Portugal, e doutor em urbanismo (Aix-en-Provence, França, e Lisboa). Autor do conhecido livro *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*, é Professor Catedrático da Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa. Realizou numerosos projetos de arquitetura e planos de urbanismo, tendo recebido, em 1997/98, o “Prêmio de Mérito Especial” do Conselho Europeu de Urbanistas.

3 Renato Leão Rego é professor titular do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de Maringá (UEM), é doutor em arquitetura pela Universidade Politécnica de Madri e arquiteto pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Faz parte do conselho editorial das revistas *Planning Perspectives*, *Óculum Ensaio*, *Morfologia Urbana* e *Acta Scientiarum Technology*, da qual também é editor associado. É autor do livro *As cidades plantadas. Os britânicos e a construção da paisagem do norte do Paraná*.

Karin Schwabe Meneguetti Professora associada de graduação e pós-graduação e pesquisadora do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de Maringá (UEM), possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), doutorado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (FAUUSP) e pós-doutorado pela UFMG. Coordenadora adjunta do Programa de Pós-Graduação Associado em Arquitetura e Urbanismo UEM-UEL desde 2012, líder do grupo de pesquisa *Cidade e Paisagem* desde 2009 e autora do livro *Cidade Jardim, Cidade Sustentável*.

Lamas (2011) desenvolve essa ideia e no processo de estudo da morfologia divide o meio urbano em partes definidas como elementos morfológicos, estes que articulados configuram e estruturam o espaço urbano. Para ele, existem onze elementos morfológicos⁴:

1. O solo – O pavimento: O território e sua topografia são a base para o desenho e construção da cidade. Assim, o solo corresponderia desde a topografia e modelação do terreno, aos revestimentos e pavimentos. Por ser base para a construção do espaço urbano, ganha grande relevância, apesar de sua fragilidade e suscetibilidade a mudanças (LAMAS, 2011).

2. Os edifícios – o elemento mínimo: Os edifícios constituem o espaço urbano de acordo com sua forma e organização, dessa forma, possuem papel determinante na forma urbana, assim como esta condiciona a tipologia edificada, estabelecendo uma relação dialética (LAMAS, 2011).

3. O lote – a parcela fundiária: o lote possui forte relação com o edifício, não podendo ser reduzido a porção do solo a ser ocupada, já que sua configuração condiciona não tão somente a forma do edifício, mas a forma da cidade.

4. O quarteirão: O quarteirão agrega e organiza outros elementos morfológicos já identificados, além de ser fortemente presente na configuração da estrutura urbana. “O quarteirão é um contínuo de edifícios agrupados entre si em anel, ou sistema fechado e separado dos demais; é o espaço delimitado pelo cruzamento de três ou mais vias e subdivisível em parcelas de cadastro (lotes) para construção de edifícios” (LAMAS, 2011, p.88).

5. A fachada – o plano marginal: a fachada estabelece a relação entre o edifício e o espaço urbano, podendo ditar as relações de público-privado. É a partir dela que podem ser expressas características relacionadas aos programas e funções do edifício, assim como a linguagem arquitetônica,

⁴ É importante salientar que a conceituação de Lamas(2011) sobre elementos morfológicos estão bastante associados às características formais das cidades europeias tradicionais e modernas, lembrando que é natural de Portugal. No caso das cidades brasileiras, a forma urbana é mais complexa, com maior diversidade de tipos a exemplo da presença de favelas.

transmitindo seu estilo e expressão estética, assim como a passagem do tempo. Dessa forma, é um elemento de extrema importância na construção do cenário urbano (LAMAS, 2011). Observação da cidade modernista em que a fachada se dissocia da rua, com os recuos.

6. O logradouro: constitui uma área privada não construída do lote e isolada do espaço público por contínuos edificados, dessa forma, acaba por compreender os espaços residuais decorrentes de acertos de loteamentos e da geometria urbana, assim como pelo espaço escondido tampouco utilizado pela habitação como sem contribuição para o espaço público (LAMAS, 2011). É importante lembrar que no Brasil o termo “logradouro” corresponde à rua e não ao espaço intralote.

7. O traçado, a rua: é um dos elementos morfológicos de mais fácil identificação no espaço urbano. A rua acaba sofrer bastante influência do relevo preexistente e regula a disposição dos edifícios e quarteirões. Sua importância é pautada na comunicação das partes da cidade (LAMAS, 2011).

8. A praça: este espaço livre se diferencia dos outros espaços que são fruto do alargamento do traçado por possuir uma intencionalidade na sua criação e por sua organização espacial. “A definição de praça na cidade tradicional implica, como na rua, a estreita relação do vazio (espaço de permanência) com os edifícios, os seus planos marginais e as fachadas. Estas definem os limites da praça e caracterizam-na, organizando o cenário urbano.” (LAMAS, 2011, p.102). Já se considerado a cidade modernista, perde-se referencial da relação direta entre a praça e as fachadas das edificações.

9. O monumento: é um elemento morfológico de perfil marcante e determinante na imagem da cidade, pode caracterizar uma área e traz consigo significados históricos, culturais e estéticos, por carregar todos esses significados e por sua presença singular, acaba por ser mais resiliente que outros elementos no tecido urbano (LAMAS, 2011).

10. A árvore e a vegetação: as estruturas verdes, encontradas em canteiros, de jardins a grandes parques, são elementos de relevância na organização e composição do espaço urbano, definindo e contendo espaços. Apesar de não possuir a mesma “dureza” que outros elementos construtivos na cidade, encontra-se no mesmo patamar da hierarquia morfológica e visual (LAMAS, 2011).

11. O mobiliário urbano: esta categoria pode significar diferentes elementos móveis que mobíliam a cidade como os bancos e sinalização ou com perfil de construção, como quiosques e abrigos de transportes. Encaixam-se na escala da rua e possuem destaque no que confere organização, assim como qualidade e conforto aos espaços urbanos (LAMAS, 2011).

2.1.2 Abordagens Morfológicas

Diferentemente das cidades que possuem milhares de anos, o estudo de sua forma de maneira sistemática acontece a pouco mais de um século, de acordo com SAMUELS⁵ *apud* OLIVEIRA (2018), esse processo se dá de forma multidisciplinar, englobando a arquitetura, arqueologia, geografia e história. Além disso, por sua investigação recente, as escolas de morfologia urbana se limitaram, a princípio, nas línguas maternas de seus pesquisadores: alemão, francês, inglês e italiano.

Nesse tópico, portanto, serão brevemente exploradas quatro abordagens encontradas nesse espectro linguístico. A escolha foi baseada nas utilizadas no primeiro workshop da Rede Lusófona de Morfologia Urbana: “Diferentes abordagens no estudo da forma urbana” que aconteceu na Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto (FEUP), em 2015. Ainda acrescenta-se que a abordagem que influenciou o processo metodológico deste trabalho foi a tipo-morfológica.

Histórico-geográfica

Essa abordagem é construída a partir das discussões do trabalho do geógrafo alemão M. R. G. Conzen, mais especificamente na obra de 1960, intitulada “Alnwick, Northumberland – a study in town-plan analysis” (OLIVEIRA, 2015). Seu trabalho propõe uma estrutura abrangente para o estudo e o desenho da forma física das cidades:

⁵ Ivor Samuels é um arquiteto e planeador inglês (MSc Edinburgh University). Sua prática profissional no Reino Unido inclui planeamento regional, planeamento estrutural e desenho habitacional (LCC); a no exterior para UNDP (Belize, Colômbia, Jugoslávia), França (planeamento e habitação), Itália (escolas) e Espanha (planeamento). Atualmente é Research Fellow na Birmingham University, membro do UMRG, professor visitante em Cracóvia e project advisor dos projetos Daylight and urban form e Post socialist urban form.

“Um dos aspetos chave desta estrutura é uma divisão tripartida da paisagem urbana, incluindo o ‘plano’ / planta de cidade, o tecido edificado e o uso do solo. O ‘plano’ de cidade é definido como a organização topográfica de uma área construída contendo três elementos diferentes: i) as ruas e a sua organização num ‘sistema de ruas’; ii) as parcelas e a sua agregação em quarteirões; e iii) a planta de implantação dos edifícios” (OLIVEIRA, 2015, p. 15).

Oliveira (2015) ainda destaca três conceitos bastante relevantes de Conzen referentes ao desenvolvimento urbano: cintura periférica (fringe belt), a região morfológica (morphological region) e o ciclo de parcela burguesa (burgage cycle).

- **Cintura periférica:** este conceito gira em torno de áreas livres (com parques verdes, equipamentos públicos e instituições diversas) localizados nas franjas de cidades, cuja expansão está suspensa ou em ritmo lento.
- **Região morfológica:** uma porção de tecido urbano caracterizada pela homogeneidade quanto a sua forma (considerando a planta da cidade, seu tecido edificado e o uso) e, portanto, de caráter distinto das áreas presentes no seu entorno imediato.
- **Ciclo de parcela burguesa:** “centra-se na relação entre parcelas e planta de implantação dos edifícios: a parcela burguesa corresponde ao solo de um proprietário medieval; o ciclo consiste na progressiva ocupação edificada da parte traseira da parcela, culminando na eliminação dos edifícios num período de ‘pousio’ urbano que antecede um novo ciclo de desenvolvimento” (OLIVEIRA, 2015, p. 15)

Tipo-morfológica

Essa abordagem origina-se das reflexões do arquiteto italiano Saverio Muratori na década de 1950, “tendo o seu epílogo disciplinar na publicação ‘Studi per una operante storia di Venezia’” (MURATORI, 1959 apud MARTINEZ; *et al.*, 2015, p.59). De acordo com Panerai⁶ (2006), seus estudos tentam evitar

⁶ Philippe Panerai é arquiteto e urbanista francês, além de professor da Escola de Arquitetura de Paris-Malaquais, do programa de doutorado conjunto da Escola Nacional de Pontes e do Instituto Francês de Urbanismo.

a dissociação dos conhecimentos técnicos das disciplinas teóricas e históricas, além de trazer a arquitetura para o contexto da crise urbana.

Na escola Muratoriana, a edificação é percebida como um marco espaço-temporal na história, dessa forma buscaram-se outras edificações com as mesmas características para formar conjuntos que ajudem na leitura da cidade (já que estas estavam presentes na mesma área e no mesmo período), ao serem agrupadas, são identificadas e caracterizadas como um tipo da mesma área cultural, configurando um processo tipológico (MARTINEZ⁷; *et al.*, 2015).

“A partir deste, na relação entre o seu edificado e forma como este se dispõem – a sua forma

7 Xose Lois Martinez é espanhol e possui doutorado em Arquitetura. Vice-reitor em Infraestruturas y Gestão Ambiental na Escola Técnica Superior de Arquitetura da Universidade de Coruña. Faz parte do mestrado em Urbanismo: Planos e Projetos. Do território à cidade oferecido pela mesma instituição.

Armando Fernandes é doutorando em Arquitetura e Urbanismo na Escola Técnica Superior da Arquitetura da Universidade da Coruña. Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Escola Superior Gallaecia (ESG). Administrador de empresa especializada em Filme de Arquitetura, Modelação e Visualização 3D. Formador (CAP) na área de CAD/CAM e Informática Aplicada. Além disso é docente na ESG desde 2011.

Adriana Vieira é doutoranda em Arquitetura pela Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa FA-UTL, com tese na área de acessibilidade física e patrimônio urbano. Possui especialização em arquitetura (Universidade Técnica de Lisboa) e mestrado em Desenho Urbano (Instituto Superior das Ciências do Trabalho e da Empresa, Lisboa), com a dissertação A Acessibilidade Física no Espaço Público de Lisboa. Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (1997), Bacharelato em Pintura pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo (1994). Desde 2013 integra a equipe da Prefeitura do Município de São Paulo, exercendo os cargos de Chefe de Cadastro (CPDU), Chefe de Projetos e Obras (CPO) e atualmente é Coordenadora de Coordenação de Projetos e Desenvolvimento Urbano - CPDU da Prefeitura Regional Jabaquara.

Fernanda Nascimento Corghi é docente do Departamento de Arquitetura e Urbanismo e Artes Aplicadas da Universidade Federal de São João del-Rei. Doutora em Engenharia Civil (2014 - FEC/Unicamp) na área de concentração de Saneamento e Ambiente. Mestre em Geografia (2008 - IGE/Unicamp) na área de Análise Ambiental e Dinâmica Territorial. Arquiteta e Urbanista (2005) formada pela FAAC/UNESP. Atualmente é membro do Laboratório de Arquitetura e Urbanismo Social (LAUS) e do Núcleo de Pesquisa em Acessibilidade, Diversidade e Trabalho (NACE). Coordena as atividades do Escritório de práticas projetuais alternativas (EPPA!). Trabalha com planejamento e gestão do território, governança socioambiental, prevenção de riscos socioambientais, cartografia social, Plano Diretor Participativo, acessibilidade, urbanismo sustentável e desenho de projeto participativo. Atuou no Laboratório de estudos em redes técnicas e sustentabilidade sócio-ambiental (FLUXUS/UNICAMP) onde integrou equipes de Capacitação de agentes ambientais, Gestão de Resíduos Sólidos (Região Metropolitana de Campinas) e Programas de Estágios Docentes voltados à Ecologia Aplicada à Engenharia. Atuou na implementação do Plano Diretor Participativo de Bauru nas ações voltadas à prevenção de riscos socioambientais, capacitação de lideranças regionais e preservação de fragmentos florestais urbanos.

– serve-nos como instrumento para compreender e ordenar a estrutura da cidade, entendida como uma continuidade histórica de um processo, podendo ser analisada por tempos ou momentos cronológicos, em que a chave de leitura nos é dada pelo seu processo tipológico e / ou respectivas morfologias identificadas” (MARTINEZ; *et al.*, 2015, p.60).

Sintaxe espacial

A sintaxe espacial, por sua vez, foi concebida nos anos de 1970, pelos professores Bill Hillier e Julianne Hanson da Bartlett School, University College London. Essa abordagem se utiliza de seu perfil científico-matemático para analisar e interpretar a arquitetura e urbanismo de um contexto de forma objetiva. Dessa forma, pode ser utilizado como ferramenta para prever os efeitos dos projetos urbanos propostos por seus planejadores. (ALTIERI⁸; *et al.*, 2015).

Além disso, “busca descrever a configuração do traçado e as relações entre espaço público e privado através de medidas quantitativas, as quais permitem entender aspectos importantes do sistema urbano, tais como a acessibilidade e a distribuição de usos do solo.” (SABOYA⁹, 2007, s. p.).

23

⁸ Marcelo Altieri é doutorando pela Faculdade de Engenharia na Universidade do Porto no programa de Planeamento do Território, cujo título provisório da tese é “Business Diversification on Public Transport”.

Mona Jabbari trabalha atualmente no Departamento de Engenharia Civil (DEC) da Universidade do Minho. Seu projeto atual é “An Innovative Structure Design with Syntactic Model to Assess Cohesion & Connection in Cities: An Application for Smart Pedestrian Network”.

João Ventura Lopes é arquiteto pela Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto em 1998; pós graduado em Arquitetura Digital pelo ISTA em 2013. Doutorando no Centro de Investigação em Ciências da Informação, Tecnologias e Arquitetura (ISTA).

⁹ Renato Tibiriçá de Saboya é professor Adjunto do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina e docente do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PósARQ) da UFSC. Foi subcoordenador do PósARQ entre 2012 e 2015 e coordenador no biênio 2016-2017. Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela UFSC (1997), mestrado em Planejamento Urbano e Regional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2001) e Doutorado em Engenharia Civil (Cadastro Técnico Multifinalitário e Gestão Territorial) pela UFSC (2007). Desenvolve pesquisa na área de morfologia urbana, configuração, segregação socioespacial e uso do solo, e é líder do Grupo de Pesquisa “Urbanidades: Forma Urbana e Processos Socioespaciais”. Como orientador de equipes de alunos de graduação, obteve premiação e/ou menção honrosa em concursos nacionais e internacionais de projeto, dentre eles o 1º lugar para América Latina e Caribe no “Urban Revitalization of Mass Housing” - ONU-Habitat. É o criador e editor do Blog Urbanidades, que desde 2007 promove a disseminação de conhecimentos sobre Urbanismo, Desenho Urbano e Planejamento Urbano em linguagem didática e acessível, contando com cerca de 30.000 visitas por mês.

Gramáticas da forma

Essa abordagem, por sua vez, foi fundada pelos norte-americanos Stiny e Gips na década de 1970. A alusão a palavra gramática pode auxiliar na compreensão do seu conceito, já que nessa metodologia intuiu-se um “vocabulário de formas, um conjunto de relações espaciais um conjuntos de regras” que sua aplicação gera linguagens de desenho (ELOY¹⁰, 2015, p. 115). Assim, é utilizada na análise de linguagens de estilos passados como na criação de novas linguagens, podendo gerar na arquitetura, por exemplo, diversas soluções de desenho.

2.2. Praça

Como uma praça será objeto de estudo deste trabalho, será explorado mais características desse espaço compreendido até então apenas como elemento morfológico (LAMAS, 2011). A discussão pode ser ampliada a reconhecendo como espaço livre público.

“No contexto urbano tem-se como espaços livres todas as ruas, praças, largos, pátios, quintais, parques, jardins, terrenos baldios, corredores externos, vilas, vielas e outros mais por onde as pessoas fluem no seu dia-a-dia em direção ao trabalho, ao lazer ou à moradia ou ainda exercem atividades específicas tanto de trabalho, como lavar roupas (no quintal ou no

10 Sara Eloy é licenciada em Arquitetura (FA.UTL 1998) e doutorado em Arquitetura (IST.UTL 2012) com o título: “Transformation grammar-based methodology for housing rehabilitation: meeting contemporary functional and ICT requirements”. Atualmente é diretora e pesquisadora do Centro de Pesquisas em Tecnologias da Informação e Arquitetura (ISTAR-IUL). Foi entre 2013 e 2016 diretor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo (DAU) e do Mestrado Integrado em Arquitetura do ISCTE-IUL em Lisboa. Eloy é professora assistente na DAU e leciona disciplinas de Desenho Auxiliado por Computador Arquitetônico, Desenho, novas tecnologias aplicadas a Metodologias de Arquitetura e Pesquisa. Sara Eloy é especialista em sistemas de design de gramática de formas e tecnologias digitais em arquiteturas. Suas principais áreas de pesquisa são aplicações de gramáticas de forma na arquitetura, ou seja, para transformar as casas. Ela também trabalha em realidade virtual e aumentada aplicada à arquitetura e na análise do espaço do edifício, considerando a percepção do espaço. Eloy desenvolve sua pesquisa no ISTAR-IUL, um centro de pesquisa multidisciplinar, onde colabora com pesquisadores das áreas de Ciências da Computação, Matemática e Psicologia. Essa colaboração permite que ela crie protótipos de software para suportar o processo de design arquitetônico.

pátio), consertar carros, etc., como de lazer (na praça, no playground, etc.)” (MACEDO¹¹, 1995, p.16).

Complementando a visão de Macedo (1995), para conceder a esfera pública desses espaços, tal característica proporcionada pelo carácter de uso comum e de acessibilidade a todos ao espaço livre em questão. Na praça se potencializa o viver urbano, podendo ser compreendida como “lugar intencional do encontro, da permanência, dos acontecimentos, de práticas sociais, de manifestações de vida urbana e comunitária e de prestígio, e, conseqüentemente, de funções estruturantes e arquiteturas significativas.” (LAMAS, 2011, p.102). Nela são manifestados os valores de uma sociedade, sua história e princípios (HANNES¹², 2016).

A praça, diferentemente de outros espaços urbanos que são consequência acidental do rearranjar urbano, tem sua formação condicionada a uma intenção e uma organização espacial, para Lamas (2011), a construção do espaço livre praça decorre da vontade e do objetivo de um desenho, assim como da definição de um programa.

No entanto, mesmo com o precedente de um projeto urbano e um programa definido, isso não a torna infalível às transformações urbanas, pelo contrário, sua visibilidade e notoriedade na cidade acabam por intensificar essa possibilidade, Macedo (2010) chama atenção às sucessivas reformas e substituições ditas modernizantes empregadas pelo Poder Público nesses espaços, justamente por seu destaque no tecido urbano, gerando marcas de administrações espalhadas por toda cidade. Este apontamento é inclusive bastante pertinente na discussão desse trabalho, já que seu objeto de

11 Silvio Soares Macedo possui graduação (1974), mestrado (1982) e doutorado (1988) em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo. Iniciou suas atividades docentes na FAUUSP em 1976 e atualmente é professor titular da Universidade de São Paulo. Tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em Projetos de Espaços Livres Urbanos, atuando principalmente nos seguintes temas: paisagismo, paisagem, espaços livres, ambiente e urbano.

12 Evy Hannes é docente na Universidade Paulista desde fevereiro de 2013. Mestre pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP na área Paisagem e Ambiente. Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie com especialização em Desenho Ambiental e Arquitetura da Paisagem pela mesma instituição. Participou de cursos de aperfeiçoamento na Universidade de Harvard (EUA).

estudo sofreu diferentes transformações promovidas pelo rearranjar urbano em busca de ideais e marcas de modernidade empregadas por seus gestores.

De forma mais objetiva podemos compreender a praça como “espaços livres de edificação, públicos e urbanos, destinados ao lazer e ao convívio da população, acessíveis aos cidadãos e livres de veículos.” (ROBBA¹³ e MACEDO, 2010, p.17). Quanto a sua conformação morfológica, Macedo (1995) ainda relembra que este espaço público, assim como os edifícios, também é definido por planos: paredes, pisos e tetos, o último caracterizado pela transparência e permeabilidade, como as copas das árvores ou ausência de telhados tradicionais.

2.2.1. Origem

O espaço urbano compreendido hoje como praça possui diferentes configurações antecessoras que colaboraram para sua configuração atual.

“Até meados do século XVIII o projeto de praças restringia-se ao entorno dos palácios europeus, nem sempre inseridos no contexto urbano. Os espaços livres existentes nas cidades e marcados pelas aglomerações humanas estavam, em geral, relacionados à existência de mercados populares (comércio) ou ao entorno de igrejas e catedrais. Foi somente no século XIX, que o desenho de praças entrou em cena, preconizado pelo trabalho de profissionais como Frederick Law Olmsted (projetou o Central Park de Nova Iorque). Esse espaço, existente há

13 Fábio Robba é formado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (1994). Possui Doutorado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (2004). Especialista em Arquitetura da Paisagem pelo curso IFLA/FUPAM (2004/05). É Coordenador do curso de Pós-Graduação Lato Sensu Especialização em Arquitetura da Paisagem do Serviço Nacional do Comércio SENAC e docente das disciplinas da Arquitetura da Paisagem do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário SENAC. Foi docente e membro no Núcleo Estruturante Docente NDE do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Nove de Julho UNINOVE entre 2009 e 2011. Como profissional autônomo é arquiteto e paisagista sócio da NK & F Arquitetos Associados atuando na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em Arquitetura Paisagística. Foi Vice Presidente da Associação Brasileira de Arquitetos Paisagista nas gestões 2007/08 e 2009/10. Em 2002 publicou, em coautoria com Silvio Macedo, o livro Praças Brasileiras.

milênios, utilizado por civilizações de distintas maneiras, nunca deixou de exercer a sua mais importante função: a de integração e sociabilidade” (VIERO¹⁴ e BARBOSA FILHO¹⁵, 2009, p.1).

Para compreender melhor as configurações antecessoras da configuração de praça que hoje nos apropriamos são reunidos pela autora, na Quadro 1 a seguir, os exemplares mais significantes destacados por Hannes (2016) pertinentes na discussão da praça no tempo.

| PERÍODO | CARACTERIZAÇÃO (HANNES, 2016) |
|----------------------|---|
| Grécia Antiga | A ágora grega pode ser considerada um espaço precursor para as praças hoje conhecidas no mundo ocidental. Por se caracterizar como o primeiro espaço fixo de discussões políticas e de convívio público carrega esse destaque. Além disso, também era caracterizada e reforçada por seu entorno formado por importantes edifícios para o funcionamento da cidade como mercados, feiras livres, edifícios públicos e governamentais mais importantes da época. |
| Idade Média | Na idade média, esse espaço também aparecia em destaque e estava intimamente relacionado a presença de mercados, prefeituras e igrejas, apresentava um centro livre e era configurado morfológicamente pelos edifícios do entorno. |
| Renascimento | No renascimento, as praças retomam características cívicas (como na ágora grega), retomando valores políticos e sociais, através de edifícios públicos no entorno. Esse período é marcado surgimento de monumentos, obeliscos e estátuas. Podem-se destacar as Piazzas Italianas, até hoje apropriadas pelo público, como espaços secos e sem vegetação, mas dotados de destaque no desenho urbano e pelo apelo estético de suas obras. |

14 Verônica Crestani Viero é graduada em Agronomia (2004) e em Comunicação Social - habilitação Relações Públicas (2007) pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Especialista em Plantas Ornamentais e Paisagismo (2009) pela Universidade Federal de Lavras (UFLA/MG). Mestre em Extensão Rural (2009) pelo programa de pós-graduação em Extensão Rural da UFSM.

15 Luiz Carlos Barbosa Filho é especialista em Arquitetura Comercial – UNISINOS e em Gestão Empresarial – FGV. É professor do Curso de Arquitetura e Urbanismo – ULBRA, Santa Maria, RS.

| | |
|-------------------------|---|
| Século XVIII | Nesse período surgem em Londres, os Squares, ambientes caracterizados por pequenos jardins, delimitados por edifícios residenciais, que posteriormente vão dar lugar a pequenas praças vegetadas e cercadas, de apropriação exclusiva da população local devido a sua configuração morfológica. |
| Século XIX | No século XIX, por sua vez, praças irão surgir em espaços residuais consequentes de intervenções no sistema viário, como no Plano Haussmann (praças rotatórias de Paris) e do Plano Cerdá em Barcelona (praças residuais das avenidas diagonais). |
| Séculos XX e XXI | Nos séculos XX e XXI, a praça deixa de ser apenas conformada por edifícios e aparece isolada no espaço urbano, trazendo referências semelhantes às squares londrinas, carregando um forte caráter de espaço vegetado de lazer e práticas esportivas para as praças brasileiras. |

Quadro 1: Praças no tempo, baseada em (HANNES, 2016, p.134), organizada pela autora.

2.2.2. Praças Brasileiras

Ao levar o espaço livre “praça” para o contexto brasileiro, pode-se imaginar que a estrutura embrionária deste elemento nasce com nossas populações nativas indígenas. Nessas sociedades, a partir do registro de gravuras e mapas, é possível perceber o papel que o espaço comum exercia no cotidiano indígena, podendo, dessa forma, ser compreendido como a origem das nossas praças brasileiras, retirando sua essência apenas da cidade formal com moldes portugueses.

Ao compreender a praça a partir de sua vocação para a vivência coletiva e pública e ao olhar para o início das cidades e vilas brasileiras, podem-se enxergar locais com esse mesmo papel nas aldeias

e assentamentos indígenas. De acordo com Caldeira¹⁶ (2007), na realidade indígena, esses espaços eram dotados de um caráter sagrado, concentravam-se em áreas centrais e majoritariamente circulares, com atividades ritualísticas.

Mesmo com a sua organização espacial variando de acordo com os costumes e realidades de cada tribo, uma configuração bastante comum era a casa-tribo (ou casa-aldeia), em que nessa única edificação morava toda a comunidade, setorizavam-se no exercício de atividades dentro da casa de acordo com o gênero e com área central de uso comum destinada para rituais, assembleias e cerimônias, como mostrado pelas plantas representadas na Figura 1. Essa configuração poderia ser encontrada

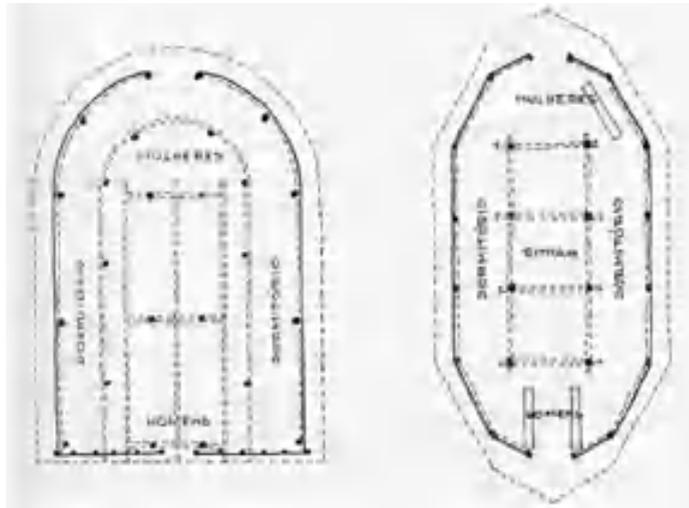


Figura 1: Planta da Casa-tribo. Fonte: WEIMER (2005) *apud* CALDEIRA (2007, p. 60).

16 Junia Marques Caldeira é graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Minas Gerais (1987), realizou Doutorado e Mestrado, em História, na Universidade Estadual de Campinas (2007,1998). Possui especialização em Architecture Urbaine realizada na Ecole d' Architecture de Belleville, Paris (1995). Atualmente desenvolve atividades acadêmicas no Centro Universitario de Brasília Uni CEUB , atuando principalmente nos seguintes temas: historia da arquitetura e do urbanismo, planejamento urbano e arquitetônico e espaço público.

na tribo dos Tucanos, habitantes da fronteira Brasil-Colômbia, na tribo dos Pano, situada no Alto do Solimões e na tribo dos Marubos (CALDEIRA, 2007).

Uma variação também observada da estrutura da casa-aldeia era o centro como um pátio circular (portanto, descoberto) para desempenho das mesmas funções coletivas - tais como rituais, festas e jogos. Essa configuração é encontrada na tribo dos Yanomamis, moradores da fronteira do Brasil e Venezuela. Neste exemplo, o espaço das famílias é voltado para o pátio central circular/elíptico como representado na Foto 1 (CALDEIRA, 2007). Suas casas comunais circulares são chamadas de yanos ou shabonos, podendo acomodar até 400 pessoas.



Foto 1: Uma maloca Yanomami, Brasil © Survival.

Fonte: https://assets.survivalinternational.org/pictures/299/yanomami-maloca_screen.jpg Acesso: julho/2018

Outra configuração presente no repertório indígena brasileiro eram as unidades habitacionais isoladas, no entanto, ainda locadas contornando uma área de uso comum e de extrema importância para a aldeia, como representado na Figura 2.

Caldeira (2007) compara as configurações até então apresentadas neste trabalho, tanto o modelo com edificações isoladas como o de casa única, e aponta a presença da configuração circular na maioria dos assentamentos estudados, no entanto, sem retirar o valor das tradições nas conformações de cada tribo, é possível compreender essa distribuição como um modelo morfológico.

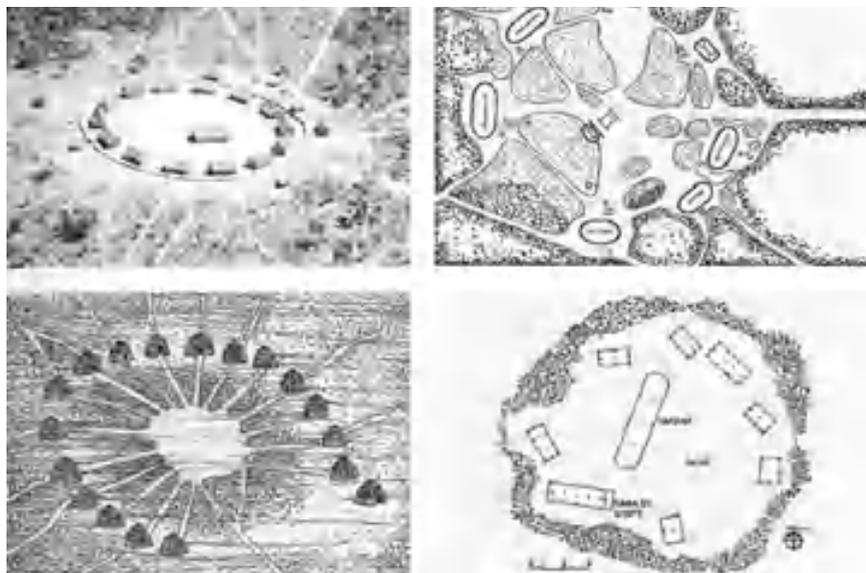


Figura 2: Esquema de organização espacial indígena Aldeias Bororo (A), Yawalaiti (B), Xavante (C), Tapirapé e Tampitauá (D)

Fonte: MONTEZUMA (2002) *apud* CALDEIRA (2007, p. 64).

Além disso, já é possível relacionar esses modelos com as primeiras praças construídas pelos portugueses em solo brasileiro, que possuíam uma estreita relação com edificações de cunho religioso e político com lugar de destaque em seus desenhos, direcionando o uso da praça para esses fins, além da convivência coletiva do espaço.

Para compreender a estrutura e a evolução das praças encontradas nas cidades formais brasileiras, tomou-se como base o extenso estudo realizado por Robba e Macedo (2010) que gerou a obra intitulada “Praças Brasileiras”, onde são levantados, para análise, diversos projetos de praças espalhadas pelo país. Nessa investigação são explorados seus componentes, usos, traçado. Além disso, na busca de facilitar a compreensão deste espaço público no contexto brasileiro, dividem os projetos em períodos/estilos encontrados no Brasil: colonial, eclético, moderno e contemporâneo.

É considerado, dessa forma, o papel essencial que as características assimiladas de cada momento das praças na apreensão dos valores da sociedade e da conjuntura histórica impressas em seus programas. Na formação das praças coloniais brasileiras, por exemplo, pode-se destacar o fato de estarem apoiadas na presença de um templo em seu entorno e na construção posterior de outras edificações de importância para a cidade acompanhando seu desenho, como já apontado anteriormente. Nesse caso, a área em frente aos templos católicos costumava ser onde as praças eram germinadas, o espaço consolidava a relação entre a comunidade e a igreja através de suas manifestações religiosas e sociais. Essa estrutura, principalmente o templo, tinha um considerável poder de atração, já que sua presença suscitava novas edificações e comércio, em sua maioria, de poder econômico importante (ROBBA e MACEDO, 2010).

No período do Eclétismo, por sua vez, consolidou-se o modelo de praça ajardinada de uso contemplativo como padrão paisagístico no país, suas influências vinham além do Atlântico, nos passeios ajardinados europeus nos quais a burguesia desfilava. Por esse caráter de “observar e ser observado” há uma reviravolta em seu programa de necessidades: os largos que antes possuíam natureza multifuncional e até mesmo um perfil bastante ativo, marcado por atividades comerciais, passaram a abrigar o passeio, a convivência social e a contemplação da natureza. Dessa forma, a praça abriga

o conceito de apreciação da natureza e de salvaguardo ambiental para a cidade. No entanto, nesse ambiente em que se admitem o cidadão como expectador desenvolve-se uma elitização do espaço, regras sutis e não registradas que carregam o espaço com uma forte segregação social (ROBBA e MACEDO, 2010).

“O Ecletismo foi um período muito fértil de criação e de grandes transformações na paisagem urbana brasileira. Juntamente com as radicais mudanças da função da praça na cidade, sua forma e imagem transformaram-se com igual vigor. Foi durante esse período que a praça pública passou a ser projetada pelos primeiros paisagistas e jardineiros” (ROBBA e MACEDO, 2010, p.55).

Já na modernidade se traz para o centro do urbanismo a setorização da cidade, o funcionalismo. Além disso, através do aumento do perímetro urbano, fruto do significativo crescimento da área urbanizada, foi minimizado o contato das pessoas com o campo, na época, muito relacionado com a contemplação da natureza e desenvolvimento de atividades físicas. Dessa forma, uma das grandes diferenças do Ecletismo para o Modernismo é a adição do lazer ativo no programa da praça, que contemplava a recreação infantil como a prática de esportes (ROBBA e MACEDO, 2010).

Além disso, como na cidade moderna o zoneamento funcional tinha destaque, no programa de necessidades das praças não seria diferente. Nos bairros residenciais se caracterizava por atividades de lazer ativo, como a recreação esportiva e infantil, já na porção central, por os usuários possuírem outras necessidades, destinava-se a usos de circulação, lazer passivo e cultural (ROBBA e MACEDO, 2010).

Ainda segundo Robba e Macedo (2010), podemos caracterizar o período seguinte, a Contemporaneidade, por ser fortemente influenciado pela velocidade e troca de informação alcançada nas últimas décadas do século XX. Neste cenário, o acesso a novos materiais e contato com as vanguardas paisagísticas dos grandes centros oferece maior liberdade no ato de projetar.

“O projeto da praça contemporânea típica dos anos de 1990, ainda uma exceção, uma expressão de vanguarda em meio à onipresente tradição modernista, absorve os programas de uso, as formas e partidos modernos e vai muito mais além. Em outras palavras, evolui do conceito modernista de liberdade, abrindo possibilidades formais antes impensáveis. Sua

base morfológica ainda obedece à mesma lógica espacial moderna, com estares, esplanadas e patamares que se fundem e se entrelaçam, criando ambientes e subespaços. A liberdade de programas, elementos, desenhos, cores e materiais permite a criação de projetos com variadas linguagens e formas.” (ROBBA e MACEDO, 2010, p.146).

Neste cenário, para facilitar a compreensão da evolução dos programas de necessidades das praças ao longo dessas fases, o Quadro 2 a seguir pretende compará-las:

| PERÍODO | COLONIAL | ECLÉTICO | MODERNO | CONTEMPORÂNEO |
|--------------------------|---|---|--|--|
| FUNÇÃO SOCIAL DAS PRAÇAS | Convívio Social Uso Religioso Uso militar Comércio e feiras Circulação Recreação | Contemplação Passeio Convívio Social Cenário | Contemplação Recreação Lazer Esportivo Lazer Social Convívio Social Cenário | Contemplação Recreação Lazer Esportivo Lazer Social Convívio Social Cenário Comércio Serviços Circulação |

Quadro 2: Evolução da Função Social das Praças. Fonte: ROBBA e MACEDO, 2010, p.152.

Ao visualizar as modificações sofridas pelo espaço praça quanto às funções sociais no intervalo determinado por Robba e Macedo (2010), os autores atentam de como o uso proposto no eclétismo, de uma praça ajardinada, foi ampliado até chegar à contemporaneidade, com uma liberdade para agregar novas apropriações ainda pouco experimentadas.

2.3. Fotografia como fonte histórica

A fotografia se insere na discussão desse trabalho por seu papel essencial na construção desta pesquisa e na estruturação da análise das transformações morfológicas da praça. Será explorada,

portanto, sua contribuição enquanto documento na construção da memória da cidade e da sociedade no contexto representado nas imagens.

Reconhece-se, portanto, o papel essencial da fotografia na construção da memória coletiva, por ser capaz de cristalizar momentos. Mesmo sendo compreendida na esfera de fragmento histórico, por mostrar um ponto de vista e não ser isenta de intenção, isso não retira seu valor enquanto registro: “A foto é um documento” (AZEVEDO¹⁷, 2009 *apud* GIRÃO e HONÓRIO, 2009, p. 5).

Esse precedente é capaz de guiar a discussão de sua utilização como fonte histórica válida no processo de complementar as informações contadas pelos “documentos oficiais”, recortes de jornais e expressão oral. Nesse mosaico de informações e, em alguns casos, falta destas, as fotografias conseguem preencher diversas lacunas quanto à formação material das cidades, como de seus valores sociais e históricos, já que há uma escolha do que é registrado/guardado para as próximas gerações. Dessa forma, os registros fotográficos de acervos pessoais são fontes bastante ricas na tentativa de preencher os lapsos de informação nessa construção imagética:

“Fotografias tomadas sem pretensão documental que, decorridos décadas, tornam-se retratos únicos de um passado que se desconfigurou ou até deixou de existir. São registros paralelos de arquiteturas, raramente tomados por fotógrafos especializados ou com expertise na decisão de seleção das obras, e, por isso mesmo, alternativos como campo de estudo iconográfico em amostragens muitas vezes inexistentes na historiografia da arquitetura” (SEGAWA¹⁸, 2016, s.p.).

Dessa forma, percebe-se a grande relevância do registro fotográfico na apreensão do cotidiano de uma sociedade, já que esta não se resume a um retrato “estático” da mesma (pelo contrário, é mo-

17 Miguel Ângelo de Azevedo, mais conhecido como Nirez é um jornalista, historiador e desenhista técnico aposentado, além de um dos mais respeitados pesquisadores da música popular do Brasil e dono de um dos mais completos arquivos sobre a cidade de Fortaleza, Ceará.

18 Hugo Massaki Segawa é professor titular da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, do Departamento de História da Arquitetura e Estética do Projeto. Livre-docente pela Escola de Engenharia de São Carlos/USP, Doutor e Mestre pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/USP. Dedicou-se à docência, pesquisa e orientação de pós-graduação em temas de História da Arquitetura moderna e contemporânea brasileira e internacional.

mentâneo), mas uma representação fragmentada do todo sujeita a contínuas leituras e significações (ALVES¹⁹; *et al.*, 2014).

19 Maria Lúcia Bastos Alves é graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN (1983), Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (1993), Doutorado em Sociologia pela Universidade de São Paulo/USP (2004), Pós-doutorado na Universidade de Roehampton-Londres-UK (2015). Atualmente é professora Adjunta na Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. Possui experiência na área de Sociologia, Metodologia da Pesquisa Social e pesquisas relacionadas à área da religião e religiosidade popular, cultura, família, turismo, cidade, patrimônio, identidade, fotografia e memória.

Anna Gabriela Souza Cordeiro Licenciada em História pelas Faculdades Integradas de Patos, (1999-2002). Mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, (2010-2012). É doutoranda em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Norte PPGED / UFRN. Tendo como áreas de interesse: História da Educação, História Urbana, Patrimônio, História Social do Brasil, Historiografia, Metodologia, História Econômica, História das Ciências e Arquitetura. Trabalhou no mestrado com o movimento de degradação social, econômica e física do Bairro Histórico da Ribeira em Natal. É colaboradora externa (convidada/voluntária) do Laboratório de Estudos da Cidade, Urbanismo e Território LaUrbe - UFRSA. No doutorado pesquisa a atuação do Estado na construção do imaginário da cultura escolar durante a Primeira República.

Sylvana Kelly Marques da Silva é doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, na área de dinâmicas sociais, práticas culturais e representações sob orientação de Maria Lúcia Bastos Alves. cursou período de Doutorado Sanduíche na Universidade de Washington (UW/ EUA) sobre orientação do Professor Jonathan Warren. Mestre em Turismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, na área de concentração: Turismo, Desenvolvimento regional/local e Gestão. Especialista em Gestão e Estratégia de Marketing pelas Faculdades Integradas de Jacarepaguá do Rio de Janeiro. Bacharel em Turismo pela Faculdade de Ciências Cultura e Extensão do Rio Grande do Norte e Bacharelada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Colaboradora da Base de Pesquisa Núcleo de Estudos Urbanos da Universidade Caxias do Sul. Integrante do projeto de pesquisa Novas Rotas do Turismo Religioso no RN e Festas Religiosas: Perspectivas e desafios das políticas de turismo religioso no estado do Rio Grande do Norte. Foi bolsista da CAPES, em decorrência da primeira colocação no processo de seleção do mestrado, atualmente também bolsista CAPES em decorrência da primeira colocação na seleção do doutorado. Pesquisa nos temas de história, turismo, espaço, desenvolvimento regional/local, fotografia, paisagem, educação, configurações e identidades espaciais; transformações sócio espaciais; docência no ensino superior; gestão estratégica, marketing e competitividade. Atualmente atua como docente temporária na Universidade Federal da Paraíba - UFPB, no Departamento de Turismo.



**CAMPINA GRANDE E A
PRAÇA CLEMENTINO PROCÓPIO**

3. CAMPINA GRANDE E A PRAÇA CLEMENTINO PROCÓPIO

Esse capítulo é de extrema importância para começar a compreender as dinâmicas sociais, econômicas e urbanas que tangenciaram e guiaram a cidade de Campina Grande e conseqüentemente a Praça Clementino Procópio, objeto de estudo deste trabalho. Isto se deve por compreender a importância de todos esses agentes e atores no processo de transformação urbana e social de uma cidade; a praça estudada, em especial, ilustra bem esse processo de metamorfose tão intenso que Campina Grande vivenciou no último século.

3.1. Caracterização da Cidade

Campina Grande é uma cidade média nordestina do Agreste Paraibano, a 130 km de João Pessoa (capital no litoral da Paraíba), como representado na Figura 3 e 4. Situada no Planalto da Borborema, encontra-se a uma altitude média de 550 metros, e possui população estimada, pelo Censo IBGE (2017), de pouco mais de 410 mil habitantes.



Figura 3: Espacialização da cidade de Campina Grande, na Paraíba e no Brasil. Fonte: fotomontagem de Igor Michel (2018)



Figura 4: Espacialização da Praça Clementino Procópio na cidade de Campina Grande.
Fonte: fotomontagem de Igor Michel (2018)

Campina Grande também é conhecida pela inovação, característica bastante explorada por seus gestores. A cidade é um dos principais polos tecnológicos da América Latina e ainda caracteriza-se como polo industrial. Além disso, o município também pode ser considerado um centro educacional, já que possui vinte e uma instituições de ensino superior, sendo três delas públicas, além de destaque na capacitação de nível médio e técnico.²⁰

No que tange a expressão cultural da cidade, podemos nomear diversos eventos populares, com destaque para os encontros religiosos e ecumênicos no período do Carnaval, o Maior São João do Mundo durante 30 dias no mês de junho e o Festival de Inverno, em agosto. No entanto, toda essa descrição dos eventos e títulos sobre a cidade de Campina Grande são exemplos para trazer a luz a relação dessa cidade e seu povo com os ideais de modernidade, progresso e grandeza; não é toa que a campina onde os tropeiros faziam pouso foi chamada de “Grande” (OLIVEIRA e RODRIGUES, 2007)²¹.

Para iniciar essa reflexão, se faz memória de sua origem como cidade, fato este fortemente relacionado à sua localização privilegiada, que integrou o sertão ao litoral, pouso dos viajantes, conhecida por ser “uma campina de terreno plano e boa água” (OLIVEIRA e RODRIGUES, 2007, p. 7). Em 1790, passou a condição de Vila, denominada Vila Nova da Rainha, com destaque para a atividade comercial de gado e farinha. Já no dia 11 de outubro de 1864, foi elevada a categoria de cidade. Ademais, podem-se destacar alguns acontecimentos decisivos para o crescimento acelerado da conhecida “Rainha da Borborema”: a chegada do trem em 1907; a eletrificação em 1920; abastecimento de água

20 Informações obtidas no site da Prefeitura Municipal de Campina Grande.

21 Maria José Silva Oliveira é mestre em Desenvolvimento Urbano pela Universidade Federal de Pernambuco (2006), Especialista em Teoria e Pesquisa em História pela Universidade Estadual do Ceará (1991), Licenciatura Plena em História pela Universidade Regional do Nordeste (1984) e Licenciatura Curta em Estudos Sociais pela Universidade Regional do Nordeste (1982). Atualmente é professora titular da Universidade Estadual da Paraíba. Tem experiência na área de História, com ênfase em Cidades: Arquitetura e Urbanismo, Memória e Patrimônio Cultural.

José Edmilson Pereira Rodrigues possui graduação em Direito pela Universidade Estadual da Paraíba (1992), Mestre em Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual da Paraíba (2009), Especialização em Planejamento e Gestão em Defesa Civil (1996) - Universidade Federal da Paraíba - UFPB, membro da Academia de Letras de Campina Grande, funcionário da Prefeitura Municipal de Campina Grande, foi Procurador Chefe da Câmara Municipal de Campina Grande.

em 1939; ser conhecida nos anos de 1940 como a “Liverpool Brasileira”, por ter sido a terceira praça algodoeira do mercado mundial (OLIVEIRA e RODRIGUES, 2007).

Essa relevância afetou diretamente no crescimento da população urbana de Campina Grande, que passou de 17.041 habitantes em 1907 para 126.443 em 1940²². Números como esses exigem toda uma rede de infraestrutura. E nesse contexto que a cidade começa a sofrer intervenções físicas para que sua imagem fosse mais “coerente” com o desenvolvimento que apresentou nas últimas décadas.

Assim, a partir de 1935 se intensificam as tentativas de embelezar a cidade, seja física como culturalmente, já que os costumes e as formas de viver a cidade também “deveriam” atender a uma civilidade burguesa. Quanto as reformas urbanas:

“tais mudanças ocorreram, tendo como base o modelo de urbanização que se colocou em prática nas grandes cidades brasileiras como Rio de Janeiro e Recife, essa urbanização foi realizada para atender aos interesses da burguesia e foi justificada pelos discursos dos letrados que compunham a sociedade campinense. Os sanitaristas, os políticos, os intelectuais que eram colonistas dos jornais, viram no saneamento básico e no embelezamento das ruas e praças uma forma de moldar os cidadãos dentro das ideias nacionalistas e progressistas” (SILVA²³, 2011, p. 14).

É nesse furor das reformas que nasce o objeto de estudo deste trabalho: a Praça Clementino Pro-cópio na área central de Campina Grande, num período em que a Rainha da Borborema se viu como canteiro de obras.

22 QUEIROZ (2008) Marcus Vinícius Dantas de Queiroz é graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Paraíba. Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo. Doutorando pelo Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Professor do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Campina Grande.

23 Maria Raquel Silva possui graduação em História pela Universidade Federal de Campina Grande (2006) . Tem mestrado em História pela Universidade Federal da Paraíba UFPB ano de conclusão (2011). Atualmente é professora concursada da Prefeitura de Sumé-PB, atuando no ensino fundamental.

3.2. A Praça Clementino Procópio na cidade

A Praça Clementino Procópio, protagonista desta análise, localiza-se na área central do município de Campina Grande (Figura 5), margeada por um dos eixos estruturantes da cidade, a Avenida Floriano Peixoto, e encontra-se inserida na área urbana central de preservação Histórico-Artística, por fazer parte da delimitação do Centro Histórico Inicial da cidade de Campina Grande, por meio do Decreto 25.139 do IPHAEP de junho de 2004.

A praça foi planejada e construída em 1935 e inaugurada no dia 4 de fevereiro de 1936, como noticiado pelo jornal A UNIÃO (transcrição abaixo), na administração do prefeito Bento Figueiredo. A criação da praça entrava na lógica das reformas da urbe campinense que pretendia formosear a cidade e ser “compatível” com sua nova realidade de crescimento econômico.

CAMPINA GRANDE

(Da succursal)

Inauguração da praça “Clementino Procópio” - Em homenagem ao 1º aniversário da administração do Governador Argemiro de Figueirêdo, foi inaugurada a praça “Clementino Procópio”, construída na gestão do ex-prefeito Bento de Figueirêdo.

Estando ausente o prefeito Vergniaud, o secretario da prefeitura Almeida Barreto, devidamente autorizado, após fazer calorosa alocação sobre o acontecimento do dia, e as referencias mais lisongeiras á administração municipal do Sr. Bento de Figueiredo, convidou este proclamar inaugurada a mencionada praça.

Quanto ao 1º anno administrativo do governador Argemiro de Figueiredo, longamente discorreu o secretario Almeida Barreto, pondo em relevo a figura do illustre campinense que tem dado realce ao já tão erguido nome da Parahyba.

A banda de musica da Prefeitura Municipal tocou durante o acto, ficando a praça aberta á população, que, até alta noite, frequentou aquele logradouro publico.

Esteve presente ao acto em nome da família, o dr. Severino Procópio que agradeceu a lembrança de se dar o nome do seu progenitor á nova praça.

[A UNIÃO, 4 de fev. de 1936 *apud* SILVA, 2011, p. 33-34]



Figura 5: Localização da Praça Clementino Procópio.
Fonte: Google Earth (2018) editado pela autora.



No entanto, essa foi apenas a primeira intervenção enquanto praça oficialmente. Assim, como explorado anteriormente, reconhece-se a vulnerabilidade às reformas dos espaços públicos, essa praça, principalmente, por sua visibilidade, situada na porção central e fortemente comercial da cidade, além de seu forte caráter simbólico na memória da sociedade campinense, sendo, dessa forma, cenário propício a mudanças que seriam lembradas como marcas de seus gestores.

É importante ainda destacar que os limites formais da praça, como as fachadas das edificações, edifícios públicos e vias impactaram e a conformaram durante décadas. Esse processo e o reconhecimento dessas fases e suas principais características serão abordadas posteriormente.



METODOLOGIA

4. METODOLOGIA

Esse trabalho foi, assim como a cidade tantas vezes é, uma colcha de retalhos. Fruto das experimentações e das vivências enquanto pesquisadora na graduação, assim como a contribuição de outros estudiosos nas abordagens morfológicas, a busca e tentativa das possibilidades no processo metodológico, por si só, foi uma etapa de grande esforço e investigação.

4.1 Etapas metodológicas

O processo de compreender a Praça Clementino Procópio e de como resgatar seus momentos e transformações prende-se ao material cartográfico e fotográfico coletado durante a sua execução, além da escolha, devido ao tempo de realização desse trabalho, de não serem realizadas entrevistas.

Como durante o processo, foram encontrados mais registros fotográficos do que materiais cartográficos, os primeiros foram, juntamente com a concepção da edificação como uma marca temporal, (proposta na abordagem tipo-morfológica de Muratori) a base na construção dos momentos da praça e parâmetro para sua análise comparativa.

De forma simples, pode-se dividir o progresso desse trabalho em 4 etapas:

1. Pesquisa Bibliográfica: nessa foram consolidados os principais conceitos sobre morfologia urbana, abordagens morfológicas, praças e fotografia . Além de buscar a história de Campina Grande com destaque para as reformas urbanísticas e transformações sociais simultâneas ao desenvolver da Praça Clementino Procópio.

2. Coleta de dados: essa etapa compreendeu a coleta de fontes primárias referentes à praça e seu entorno: registros fotográficos, cartões postais, mapas, desenhos técnicos, recortes de jornais em Blogs (destaque para o blog Retalhos Históricos de Campina Grande), além de trabalhos acadêmicos, acervos pessoais e de universidades, e visitas

à Secretaria de Planejamento (SEPLAN) e Secretaria de Cultura (SECULT) de Campina Grande.

3. Identificação das fases e reconstituição: etapa do reconhecimento das principais transformações da forma urbana da praça Clementino Procópio e de seu entorno, através da literatura e um debruçar-se sob as fotografias e mapas coletados, a fim de definir fases da praça com mudanças mais significativas a serem resgatados através de reconstituição bidimensional.

4. Análise e cruzamento de dados: nessa fase serão identificados e analisados os elementos morfológicos definidos por Lamas (2011) na Praça Clementino Procópio em cada fase proposta por esse trabalho. Além de cruzar todas as mudanças da praça através dos elementos reconhecidos.

4.2. Definição das fases da Praça Clementino Procópio

O processo de definição dos momentos da Praça foi, como adiantado, um quebra-cabeça: fruto da experimentação, análise de fotos e mapas. Para tomar como base fatos sólidos, foram reconhecidas as edificações que permaneciam ou eram varridas da paisagem; pela importância dos edifícios, foram confrontadas os períodos de construção e demolição a fim de criar uma linha do tempo daqueles que tangenciavam a praça. Portanto, os próprios edifícios e os traçados, mais fortemente identificáveis nas fotos, que foram as testemunhas utilizadas na execução deste trabalho; o que na abordagem tipo-morfológica identificaria como marcas temporais. Além disso, levou-se em conta registros que apontavam os anos de inauguração da praça oficialmente e de alguns elementos da praça, como suas fontes luminosas, na década de 1950.

A seguir, segue a linha do tempo estruturada neste trabalho, utilizada como base nas análises construídas adiante.

Como as principais referências foram as fotografias e o pouco material cartográfico disponível, fez



com que o processo de desenho da praça fosse bastante demorado e de idas e vindas. Dessa forma, assumiu-se que os desenhos não teriam um nível métrico e técnico tão aprofundado, no entanto, que cumpriria seu papel enquanto resgate e na análise da evolução desse tecido urbano.

Assim, a análise baseia-se na seleção de imagens dos períodos determinados, originais e editadas, na segunda são identificados/marcados sob a imagem os elementos morfológicos em destaque na fotografia. Além das reconstituições bidimensionais elaboradas nesse processo. A figura a seguir busca explicar um pouco do processo vivenciado na execução desta etapa.

A PRAÇA E SEUS MOMENTOS

5. A PRAÇA E SEUS MOMENTOS

Uma etapa do trabalho tão aguardada quanto extenuante, é uma boa forma de representar os resultados desta fase da pesquisa. Esse capítulo apresenta a síntese das pesquisas em fontes escritas e, sobretudo, de material fotográfico e cartográfico (apesar de, infelizmente não contemplar todas as etapas) necessárias, ou poderia ara conseguir representar morfologicamente a praça.

Para facilitar a compreensão de como os subcapítulos estão organizados e de como contam a história do espaço temporal selecionado, priorizou-se por uma ordem em comum de análise dos elementos morfológicos.

Considerando que o espaço estudado é uma praça, portanto, com uma escala menor do que considerado em porções mais largas do tecido urbano, serão identificados e analisados os seguintes elementos morfológicos (LAMAS, 2011):

- Edifícios
- Fachadas
- Traçado
- Vegetação
- Monumento
- Mobiliário Urbano

As análises serão guiadas tanto pela seleção fotográfica de cada período, como por esquemas e pelas reconstituições bidimensionais.



5.1.1 “largo do Rosário”

Essa primeira fase corresponde ao período antecessor a construção da Praça Clementino Procópio. Foi relevante levantar informações do “antes” devido a algumas edificações que influenciaram os limites morfológicos da praça estarem presente nesse espaço temporal. Além de compreender a “drástica” mudança ocorrida ao comparar o original com o construído nas próximas décadas.

A imagem a seguir representa o contexto precedente a criação da Praça (Foto 2), nela percebe-se a Igreja do Rosário, a antiga Cadeia, Empresa de Luz e Força Campinense ainda em seus locais originais e o Cine Capitólio sendo edificado.



Foto 2: Início da década de 1930, com destaque para a Antiga Cadeia, o Cine Capitólio em construção e a Empresa de Luz e Força Campinense. Fonte: Blog Retalhos Históricos de Campina Grande (2017)

Pela presença das edificações citadas e pela linha do tempo construída neste trabalho, acredita-se que a fotografia data possivelmente da primeira metade da década de 1930, já que a antiga Cadeia ainda não foi demolida (ocorreu no ano de 1934) e o Cine Capitólio está em construção (inaugurado em 1936).

Na Figura 6, a seguir é observado as obras citadas em destaque. Além disso, ao analisar a imagem ainda é possível perceber o traçado das ruas que na fase seguinte limitam a primeira fase da Praça Clementino Procópio.

Como este trabalho se propõe a compreender a evolução da forma da Praça Clementino Procópio, na Figura 7 é representado o primeiro desenho produzido.



Figura 6: Primeira metade da década de 1930, com destaque para a Antiga Cadeia(1), o Cine Capitólio em construção(2) e a Empresa de Luz e Força Campinense(4) e a Igreja do Rosário (3). Fonte: Blog Retalhos Históricos de Campina Grande (2017) editado pela autora (2017)

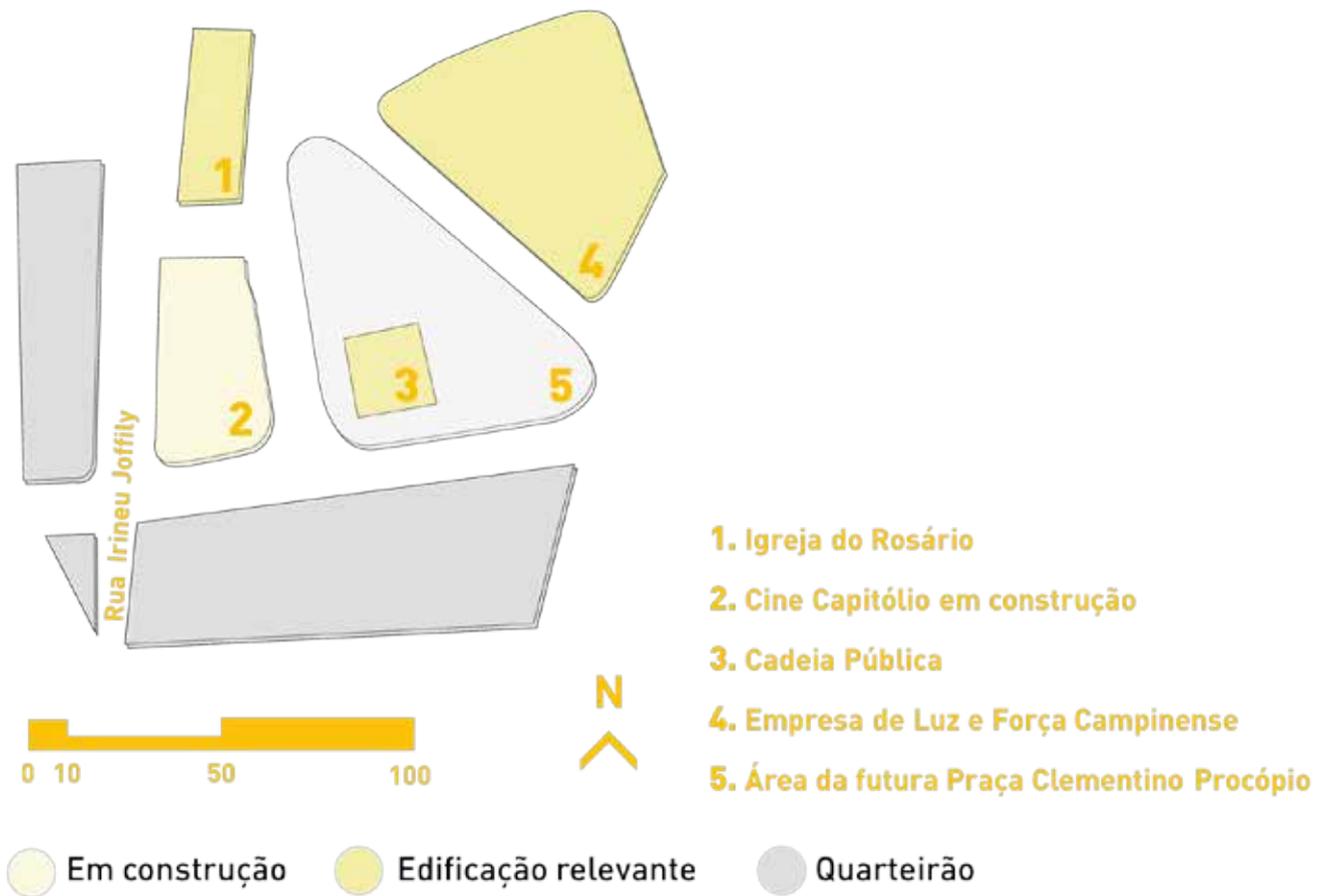


Figura 7: Croqui da fase antecedente à construção da Praça Clementino Procópio. Fonte: Desenho base elaborado pela autora e edição em parceria da autora e Igor Michel (2018).

Durante todo o processo de pesquisa, tornou-se essencial a identificação de edificações chave para deduzir o período da foto e da configuração formal da praça, em função disto, são reconhecidas, nesse tópico, as edificações presentes neste período, que foram consideradas importantes no processo de compreensão da evolução da praça e que foram identificadas nas imagens coletadas.

CADEIA PÚBLICA (1877 - 1934)

A cadeia caracterizava-se por uma “arquitetura simples, um pouco colonial, com um grande portão e duas janelas gradeadas e situava-se nos fundos da antiga Igreja do Rosário” (SOUZA, 2014, p. 46-47). Sua demolição ocorreu na gestão do prefeito Bento Figueiredo.



Foto 3: Cadeia Pública

Fonte: Blog Retalhos Históricos de Campina Grande (2018)

IGREJA DO ROSÁRIO (1832 - 1940)

A Igreja do Rosário foi uma das vítimas das reformas urbanísticas de Vergniaud Wanderley nos anos 1940. Sua demolição foi justificada na época para a expansão da Avenida Floriano Peixoto, foi um período de extensas mudanças. Assim, foi transferida para o bairro da Prata, que permanece até hoje.



Foto 4: Igreja do Rosário

Fonte: Blog Retalhos Históricos de Campina Grande (2018)

EMPRESA LUZ E FORÇA CAMPINENSE (1920 - 194?)

Sua demolição na década de 1940 foi consequência da poluição que a empresa trazia ao centro da cidade, nesse período a usina foi transferida. Sua presença no centro acabava por adjetivar os espaços públicos, como foi o caso da praça objeto deste estudo (“Praça da luz”).



Foto 5: Empresa de Luz e Força campinense

Fonte: Blog Retalhos Históricos de Campina Grande (2018)



5.1.2. Praça Clementino Procópio; “Praça da Luz”; “Praça do Capitólio”

Nessa fase, estuda-se as primeiras feições que a Praça Clementino Procópio apresentou oficialmente. Este espaço livre, segundo Silva (2011), foi bem aceito por variados públicos, consolidando-se como ponto de encontro dos campinenses e seus visitantes. Assumiu caráter de cartão postal da cidade reformada, que somado a sua localização fortalecia o potencial para sediar festividades cívicas e escolares, manifestações públicas, como protestos, além de dar lugar ao lazer dominical e a visitas turísticas.

O gestor responsável por sua construção foi o Prefeito Bento Figueiredo, cuja obra da praça foi destaque urbanístico em sua curta administração (12 de setembro de 1935 a 18 de dezembro de 1935), dessa forma, segundo Silva (2011) o planejamento e a obra aconteceram em 1935 e sua inauguração no ano seguinte.

A praça já seguia a intenção de moldar Campina Grande com ares mais modernos, na transcrição do jornal A União a seguir, relata-se sobre a autoria do projeto, além de detalhes da experiência do canteiro de obras.

“(…) Para a sua execução empregou-se excelente material e **adaptaram-se projectos existentes dos architectos Munier e Isaac Soares.**

A medida do tempo e das condições do terreno foi-se modificando, fazendo-se **novas criações in loco.** Local ingrato para o estabelecimento de praça, ficou sujeito á dominação do esforço de tantos quantos auxiliaram nesta obra de certo vulto para a cidade. O solo foi inteiramente concretizando a fim de supportar o mosaico e a carga dos transeuntes em período longo.

Fizeram-se **construções em concreto armado, taes como os pavilhões em anfiteatro, placa e marquise do pavilhão principal.** Serviço de mosaico, canaletas galerias nos pontos de passagem, canteiros, áreas cimentadas em cor, tanques, posteamento a concreto armado com conductores electricos. Para o **serviço de canteiros, coube a tarefa ao dr. Manuel Tavares,** conceituado tecnico, em que revelou competência e grande esforço. Todo o serviço de apropriação foi feito por funcionários zelosos tanto na mão de obra quanto na parte material.

Mereceu elogios a bôa vontade de todos quantos concorreram para o presentamento do serviço num prazo muito pequeno para estabelecimento de uma praça. (...)”

[A UNIÃO, 19 de jan. de 1936, p. 1e 3 *apud* SILVA, 2011, p. 31-32 - grifo nosso]

Dessa maneira, a praça recebeu vastos canteiros, vegetação, bancos e um pavilhão central, além de marquises que abrigavam os cidadãos em seus passeios. Para espacializar essas vivências, segue o segundo croqui construído neste trabalho (Figura 8) e um registro da praça (Foto 6), que no período, comumente era referenciada como “Praça da Luz” e “Praça do Capitólio”. A praça era assim conhecida por em seus limites existirem a Empresa de Força e Luz Campinense e o Cine Capitólio, o segundo ainda influenciava sua ocupação, já que a Praça era lugar de encontro por conta das sessões de cinema. Na foto abaixo é possível reconhecer fortemente essa relação entre essas edificações e a praça.



Foto 6: Praça Clementino Procópio no final da década de 1930, com destaque para o Cine Capitólio, a Empresa de Luz e Força Campinense e a Igreja do Rosário ainda construída. Fonte: Blog Retalhos Históricos de Campina Grande (2017)



Figura 8: Croqui da primeira fase da Praça Clementino Procópio. Fonte: Desenho base elaborado pela autora e edição em parceria da autora e Igor Michel (2018).

Além do cinema e da Usina da Luz, marcavam essa fase da Praça a Igreja do Rosário (até 1940, ano de sua demolição), um banheiro público representado pelo número 6 na Figura 8 e lotes residenciais na porção ao sul. O mictório encontrava-se em uma porção separada da praça na direção leste, este encontrava-se na frente da Primeira Igreja Batista de Campina Grande, localizada no lado esquerdo da Foto 7. A Igreja ainda merece destaque por ser uma edificação que permanece na paisagem ainda na atualidade. Além destas edificações mais marcantes, percebe-se o perfil ainda residencial e térreo da maioria das edificações e com fachadas que fazem relação direta com o espaço público, sem recuos como estava sendo defendido pelos modernistas na época.



Foto 7: Primeira Igreja Batista e banheiro público a leste da Praça Clementino Procópio, o registro data possivelmente da década de 1940. Fonte: Blog Retalhos Históricos de Campina Grande (2018)

Como já explorado a parte mais externa à praça, um dos elementos fortemente apreendido foi o traçado da praça, que, neste caso, é definido pelos canteiros e fontes. A figura 9, ao lado, pretende com suas setas e círculos, esquematizar o estudo deduzido na execução deste trabalho, que ainda auxiliou no redesenho desta e das outras fases.

No caso da primeira fase da Praça, ela tem um formato triangular e possui um círculo cujo os caminhos definidos pelos canteiros convergem para ele. O círculo de maior raio era um pavilhão e concentrava fluxos neste nó.

Além disso, percebe-se os canteiros com acabamento arredondado, com destaque na porção superior, que seguem uma outra radiação. Ademais, percebe-se outro círculo na porção leste da praça, cuja comunicação com o pavilhão se dá por uma escadaria.

No entanto, a praça não era tão “livre” formalmente quanto poderia ser. As linhas mais escuras representadas no desenho, são muretas que margeiam boa parte da extensão do seu perímetro. Dessa forma, direcionavam-se os passeios de maneira mais incisiva do que nos seus futuros desenhos.

Como os passeios são definidos pelos canteiros, a vegetação se afirma como elemento decisivo na percepção da forma e da paisagem. Na maioria das fotografias en-



Figura 9: Esquema para compreender o traçado na Praça Clementino Procópio nesta fase. Fonte: Desenho base elaborado pela autora e edição em parceria da autora e Igor Michel (2018).

contradas, a vegetação encontra-se rasteira, com arbustos e árvores de copas ralas, além de trepadeiras nas marquises que circundam o pavilhão, como pode ser visualizado na Foto 8.

É interessante registrar que a configuração dos canteiros se dá apenas pela diferenciação do piso, permanecendo no nível da praça, característica de potencial comparativo com os outros momentos da Praça Clementino Procópio.



Foto 8: Praça Clementino Procópio na década de 1940, fotografado de cima do Cine Capitólio, destaca-se nesta o pavilhão e a vegetação da praça nesse período. Fonte: Oh, Campina (2004).

Quanto ao mobiliário urbano, conseguiu-se identificar os bancos distribuídos nos passeios, provavelmente de concreto e caracterizados por não possuírem encosto, possibilitando assim, o sentar e contemplar “para dentro” do canteiro, como observa-se a pessoa trajada de branco na parte esquerda da fotografia. Além disso, as marquises representadas na Foto 8, também geravam oportunidades de descanso em áreas sombreadas, fator supostamente interessante, visto que a o perfil da vegetação observada não configurava sombra onde os bancos estavam locados.



Foto 9: Interior da Praça Clementino Procópio na década de 1940, com destaque para o pavilhão ao fundo, o desenho dos canteiros, a iluminação e os bancos. Fonte: Oh, Campina (2004).



5.1.3. Praça Clementino Procópio; “Praça do Abrigo Maringá e Praça da Ternura”

Nessa fase, por sua vez, configura-se uma expansão do desenho já conhecido até então pela população campinense. Isto foi possível graças a demolição da Empresa de Força e Luz Campinense que nos anos 1940 foi transferida de seu lote original, devido a poluição que gerava no centro da cidade. Uma ação como essa, ainda reforça o pensamento higienista e progressista que ainda se fazia presente, e ainda mais forte, na cabeça dos principais atores urbanos do município de Campina Grande. Um forte exemplo foi a demolição de várias edificações, além da Igreja do Rosário para a expansão da Avenida Floriano Peixoto, parte das intervenções urbanísticas propostas por Vergniaud Wanderley na década de 1940.

“As ruas de Campina Grande, alargadas e desobstruídas desde 1945, no final da administração Vergniaud Wanderley, eram agora a passarela por onde a cidade desfilava. Era nelas que tudo acontecia. Entre o final dos anos 40 e início dos 50 os lugares de lazer a céu aberto haviam se ampliado para além da Maciel Pinheiro, com os footings das mocinhas casadoiras e dos jovens playboys com brilhantina nos cabelos e vestidos à diagonal, com sapato bico fino, chapéu Ramazzoni e perfumados com Lavanda de Atkinsons” (SOUZA, 2012, p.45)

E a reforma da Praça, com a inauguração da fonte e do Abrigo Maringá carregavam exatamente isso, ampliar um espaço de contemplação e lazer onde a população pudesse desfilar suas ideias de modernidade e progresso. No entanto, interpretando desta forma, supõe-se que este espaço não tenha sido desenhado considerando todas as esferas da sociedade campinense, mas não seria a primeira nem a última vez isso aconteceria.

No “dia 24 de setembro de 1950, inaugurou-se a fonte luminosa, além do abrigo público para a espera de ônibus” (SOUZA, 2012, 46). O projeto foi do arquiteto francês George Munier (cujo projeto anterior da Praça foi baseado em seu trabalho) e a execução foi dirigida pelo engenheiro Austro de França Costa, diretor de obras públicas municipais no período. A foto 10, a seguir, apresenta uma visão privilegiada do resultado da intervenção, além disso a Figura 10 mostra o croqui elaborado na pesquisa.



Foto 10: Praça Clementino Procópio e da Ternura na década de 1950. Fonte: Retalhos Históricos de Campina Grande (2017)



Figura 10: Croqui da segunda fase da Praça Clementino Procópio. Fonte: Desenho base elaborado pela autora e edição em parceria da autora e Igor Michel (2018).

Como representado no croqui, a expansão da Praça ganhou uma nova edificação dentro de sua área: o Abrigo Maringá (Foto 11), presente até hoje na Praça. O que foi proposto para ser parada para ônibus, ganha destaque no contexto que o traçado da Praça o coloca em uma posição de destaque na morfologia dos passeios. Na fotografia evidencia que um dos caminhos principais para a o espelho d'água direciona o olhar para o Abrigo.

No entanto, é ao analisar a planta torna-se mais claro as decisões projetuais e as referências possivelmente utilizadas. A Figura 11 gera subsídios para teorias.



Figura 10: Visão do abrigo Maringá do ponto de vista do espelho d'água. Fonte: Retalhos Históricos de Campina Grande (2017)

Na figura 11, ao lado, são explorados os caminhos e traçados da Praça neste espaço temporal. Para compreender a relação entre o projeto original e esta intervenção, que expandiu drasticamente a área da praça, optou-se por representar em amarelo os caminhos/convergências da primeira praça que permaneceram nesta fase e as dinâmicas acrescentadas em tons avermelhados.

Ao compreender a Praça como um todo e ao sair da escala do pedestre posicionado em um destes passeios, consegue-se facilmente perceber a presença de círculos como equipamentos que trazem fluxos e que ecoam no formato dos canteiros. Assim, como o Abrigo Maringá acomoda seu programa em um semicírculo e os passeios ecoam deste raio consolidado.

Outro fator perceptível é a marcação longilínea dos canteiros na parte central, que conectam a “Praça antiga” com a “nova” e solucionam a diferença de topografia através de escadas.

A comunicação com o Cine Capitólio permanece e se integra com o mesmo alinhando o portão de sua mureta com o caminho que desemboca no espelho d’água (antes ocupado pelo pavilhão, demolido durante a reforma).

Outro fator importante é a “Praça da Ternura”, ela divide-se da Praça pela passagem de arruamento, este que é prolongamento da Rua Major Juvino do Ó.



Figura 11: Esquema para compreender o traçado na Praça Clementino Procópio nesta fase. Fonte: Desenho base elaborado pela autora e edição em parceria da autora e Igor Michel (2018).

Considerando, esse encontro da Praça que permanece e da Praça que a complementa, mesmo sendo projetado uma complementariedade no projeto e até mesmo uma integração na identidade visual, o que facilita para o usuário a transição, o fator natural não é mutável ou manipulável ao ponto de não perceber a distância temporal de uso do solo. Coloca-se isso, a partir das fotografias encontradas em que a vegetação nitidamente está em etapas de desenvolvimento diferentes como representado na Foto 11. É interessante lembrar que os canteiros permanecem nivelados com o piso.

Apesar de não identificar com precisão as espécies escolhidas, estas oscilam entre árvores altas de copas rasas assemelhando-se a palmeiras e outras de mais baixas, porém com potencial de sombra devido a suas copas mais densas.



Foto 11: Visão ampla da Praça Clementino Procópio com destaque para as diferenças arbóreas entre as duas porções da praça.. Fonte: Retalhos Históricos de Campina Grande (2017)

Quanto ao mobiliário e equipamentos identificados, foi escolhido a Figura 12, já que ilustra os espelhos d'água adicionados neste novo programa, além de expor a iluminação e os bancos da época, que parecem ter se mantido do projeto original pelos registros fotográficos observados.



Vista Parcial da Praça Clementino Procopio

CAMPINA GRANDE - PARAÍBA

Figura 12: Postal da Praça Clementino Procopio nos anos de 1950. Fonte: Retalhos Históricos de Campina Grande (2017)



5.1.4. Praça Clementino Procópio; “Praça dos hippies”

Essa fase, por sua vez, compreende a última reforma empreendida na Praça. Esta ocorre em 1985, na gestão de Ronaldo Cunha Lima. Por ser correspondente ao desenho que temos atualmente, facilitou o processo de fotografias e de coleta de material técnico. Esta se caracteriza por maior densidade: de vegetação, edificações e pessoas (Foto 12).

Diferentemente da fase anterior, em que existia a “Praça da Ternura”, com uma via separando-as, nessa intervenção, a Praça engloba o território antes ocupado pela outra praça. Assim, o croqui desta etapa(Figura 13) sinaliza esse crescimento, além da reconfiguração sofrida pelos canteiros, a construção de novos elementos e equipamentos.



Foto 11: Praça Clementino Procópio, ano de 2018. Fonte: Foto da autora (2018)



Figura 13: Croqui da terceira fase da Praça Clementino Procópio. Fonte: Desenho base elaborado por Elaine Souza(2014) e edição em parceria da autora e Igor Michel (2018).

Diferentemente das outras fases, tanto seu entorno imediato como a praça em si voltou-se para atividade comercial. Das edificações unifamiliares poucas resguardaram seu uso original, algumas padeceram ao tempo, ao estacionamento, outras tornaram-se comércios que descaracterizaram sua



Foto 12, 13 e 14: Abrigo Maringá e o uso comercial. Fonte: Fotos da autora (2018).

arquitetura. O Abrigo Maringá hoje (Foto 12) acomoda vários boxes comerciais (Fotos 13 e 14), embora ainda funcionem paradas de ônibus na mesma lateral da praça.

Outra edificação que foi perdendo seu uso original foi o Cine Capitólio, no entanto, esta colocação chega a ser um eufemismo, visto que a situação atual do mesmo é lamentável. Atualmente, a edificação não possui mais sua cobertura e suas paredes preocupam as autoridades na tocante da segurança pública. A foto de Reinaldo Toscano (Foto 15) choca pelo ponto de vista aéreo e alimenta a discussão sobre o processo de preservação e intervenção no patrimônio edificado.

Foto 15: Visão superior do Cine Capitólio em 2017. Fonte: Reinaldo Toscano (2017).



A motivação comercial também está presente nas novas edificações encontradas na Praça. O edifício comercial da foto 16 acomoda boxes voltados para alimentação, sebos de livros e vinis, além de salão de beleza e sapateiros. A edificação mesmo sendo mais recente levou em consideração o desenho dessa porção da Praça e tomou partido da semicircularidade já explorada anteriormente na Praça.

Já a Foto 17, apresenta um dos fiteiros encontrados no território da praça, este já foi uma banca de revistas e hoje atua como lanchonete. Os outros fiteiros presentes na praça funcionam como uma sorveteria e uma loja de camisas esportivas.

No entanto, um dos elementos que intensifica essa densidade populacional e construtiva é a estrutura de comércio informal instalado na praça, representado pela Foto 18. Concentram uma diversidade de produtos e serviços e demarcam morfologicamente o espaço, já que suas estruturas não possuem a efemeridade esperada, pelo contrário, já fazem parte da paisagem da Praça. Sua disposição no espaço assim como criam caminhos reforçam barreiras visuais, diluindo a comunicação visual e de fluxos com o espaço livre vizinho, a Praça da Bandeira.



Foto 16: Edifício comercial; Foto 17: Fiteiro;
Foto 18: Comércio informal. Fonte: Fotos da autora (2018).

Quanto ao desenho da Praça, repete-se a metodologia de análise da etapa anterior, só que nesse caso, as marcações em vermelho são correspondentes ao momento anterior da praça e as azuis, as atuais.

Preserva-se a localização dos espelhos d'águas, que nessa fase são substituídos por um playground e outro é aterrado e instalado um monumento a Argemiro de Figueiredo. Um fator decisivo foi a condensação de canteiros menores em grandes porções, reduzindo as possibilidades de caminhos. Importante ressaltar que diferentemente das versões anteriores, os canteiros possuem divisão entre o "verde" e o passeio, usado comumente para instalação de bancos.

Quanto à adição de elementos, tanto o edifício comercial quanto o coreto entram na proposta de circularidade e rebatimento no desenho dos canteiros.

Contudo, é interessante destacar que a quantidade de passeios reduz-se enquanto a densidade construtiva cresce nesse espaço.

Se a quantidade de edificações e equipamentos cresceu nesse processo, a massa vegetal seguiu o ritmo. É notória a diferença no arranjo composto pela vegetação hoje comparado a fotografias que integram este trabalho.

Segundo Souza (2014), pouco mais da metade dos exemplares arbóreos da Praça pertencem a espécie *Ficus*, pro-



Figura 14: Esquema para compreender o traçado na Praça Clementino Procópio nesta fase. Fonte: Desenho base elaborado pela autora e edição em parceria da autora e Igor Michel (2018).

movendo bastante sombra e consequente microclima agradável para o usuário.

No caso da configuração atual da Praça, a vegetação torna-se um elemento de destaque, já que não está presente apenas nos canteiros, mas faz morada até nas edificações. Além disso, o perfil atual encontrado na Praça tem um potencial dramático e até fantasioso para as crianças e os de imaginação mais fértil, já que alguns visuais fazem referência do que a maioria atribui a florestas e bosques infantis, alguns exemplos que poderiam sugerir essa percepção. Fotos 19 a 22 (Fotos da autora - 2018)



Nessa fase, como esperado, consegue-se identificar os elementos com maior clareza, isto se deve pelo levantamento a campo. Nesse processo foram identificados diferentes objetos referentes ao mobiliário urbano (Fotos 23 a 27) equipamentos (Fotos 29 a 31) monumentos (Fotos 32 e 33) e obras de arte (Fotos 34 a 36) encontradas em toda a sua extensão.



Foto 23: Iluminação pública na Praça. Foto 24: Lixeira pública na praça. Fonte: Fotos da autora (2018).



Fotos 25, 26 e 27: tipologias dos bancos encontrados na Praça. Fonte: Fotos da autora (2018).

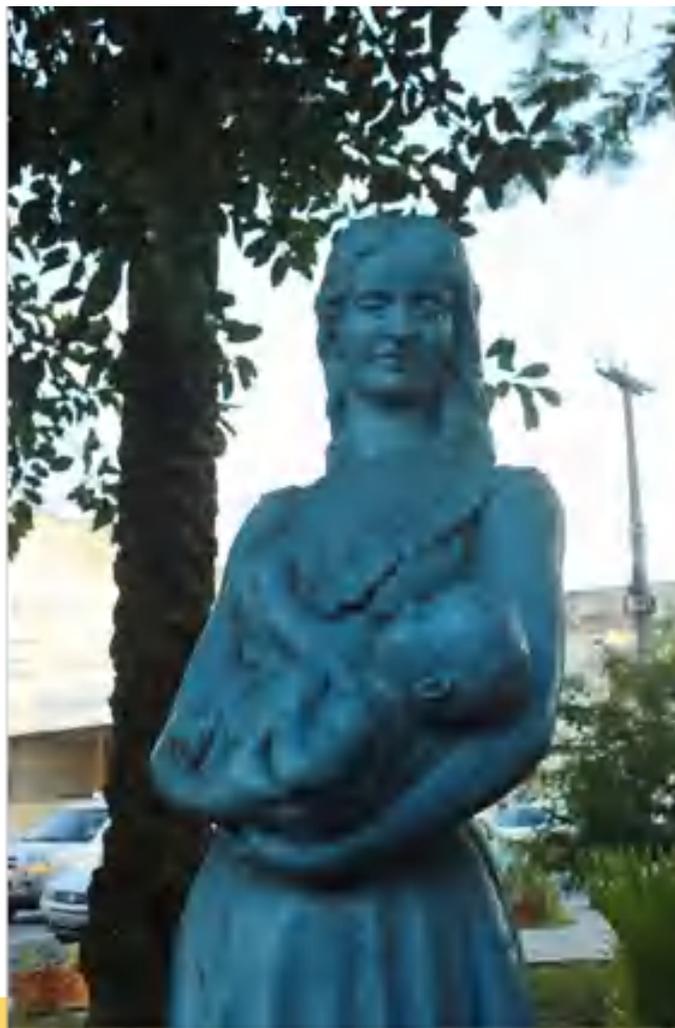
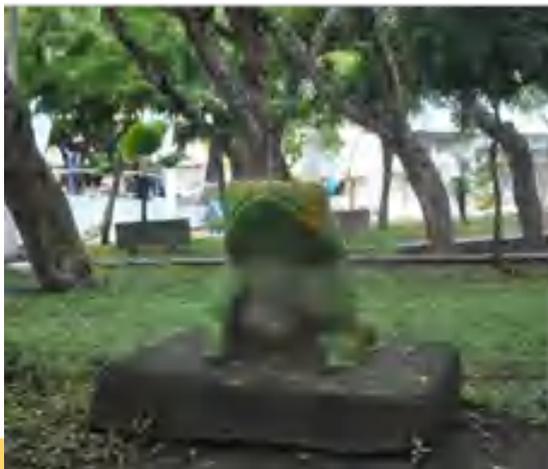


81

Foto 28: Mural da Poesia, por trás do monumento a Todósio de Oliveira Ledo. Foto 30: Coreto. Foto 31: Parquinho. Fonte: Fotos da autora (2018).



Foto 32: Monumento a Teodósio de Oliveira Ledo. Foto 33: Estátua de Agemiro de Figueiredo. Fonte: Fotos da autora (2018).





Largo Rosário - Praça da Luz - Praça do Capitólio - Praça do Abrigo Maringá e Praça da Ternura - Praça dos hippies: Praça Clementino Procópio



A large, dark blue number '6' is positioned on the right side of the slide, partially overlapping the text.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cidade como organismo vivo. A Praça como organismo vivo.

O desenvolvimento deste trabalho acentuou a verdade desta colocação. Construir o processo de criação e intervenção sugere o quanto um espaço pode imprimir em sua morfologia os interesses de uma sociedade ou pelo menos de uma parcela desta.

Foi no resgate de suas linhas e expressões formais que se percebeu a vulnerabilidade de nossos espaços e do quanto nossa memória de cidade não está sendo documentada ou preservada como deveria. A preservação não tão somente construtiva, mas documental, de seus registros fotográficos e técnicos.

A realidade de Campina Grande nesse aspecto é de uma memória “espalhada” espacialmente e pouco acessível, seja pela pouca divulgação do material em suas variadas secretarias e museus, seja pelos muitos acervos de particulares que não estão disponíveis ao domínio público. Nesse sentido, essa situação é preocupante, já que demonstra o pouco comprometimento da cidade com a salvaguarda de evidências físicas para a perpetuação da memória coletiva campinense.

O processo de “reconstrução” proposto neste trabalho também traz à luz as possibilidades de contribuição da morfologia urbana e de outras linhas de pesquisa dentro da história, geografia e do urbanismo, para reconstituir fragmentos urbanos através dessa metodologia, além da contribuição da memória de seus usuários ainda vivos. Uma alternativa de urgência para tantas cidades que não tiveram o seu “metamorfosear” documentado.

Ao desafiar-se com o resgate das múltiplas faces da Praça Clementino Procópio, foram provocadas inúmeras sensações e experiências de cunho pessoal e acadêmico. Nesse espectro, ao reunir estas etapas lado a lado e, principalmente, ao deparar-se com a situação atual da Praça, torna-se impossível não questionar como estão sendo guiadas as decisões que tanto impactam o tecido urbano e de quem e com que intenção interveem nesses espaços repletos de memória e de vivências coletivas.

É importante ressaltar que este trabalho não deseja combater as reformas nos espaços públicos, pelo contrário, reconhece-se a importância da manutenção destes espaços e até mesmo da revisão de seus programas de necessidades; ainda mais no caso estudado, em que a Praça modificava-se, em área, principalmente, pela transformação de seus limites e do logradouro público.

Apesar do amargor em deparar-se com o espaço físico e seus significados modificados e não perpetuados e, sobretudo, com tanta indiferença, faz-se uso deste espaço para evocar nosso senso de responsabilidade pelo “nosso organismo vivo”, no exigir de medidas mais eficientes de proteção da memória e da vivência urbana dos espaços, que hoje nós nos apropriamos e que nos aproximam enquanto comunidade, com acervos mais bem cuidados e acessíveis, além de projetos de intervenção urbana mais transparentes e participativos.



REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

- ALVES, Maria Lúcia Bastos; CORDEIRO, Anna Gabriela Souza; SILVA, Sylvana Kelly Marques da Silva. Uma Cidade No Cartão-Postal: Imagens De Astúcia; Montagens De Presenças E Exames De Ausências. Trabalho apresentado na 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2014, Natal/RN
- CALDEIRA, M. J. A praça brasileira I trajetória de um espaço urbano: origem e modernidade. Data da defesa: 09 de novembro de 2007. 434 folhas. Tese (Doutorado). Campinas: 2007.
- GIRÃO, Ivna. HONÓRIO, Erotilde. Cartões postais e os guardiões da memória: representação da imagem urbana de Fortaleza na primeira metade do século XX. Curitiba, 2009.
- HANNES, Evy. Espaços abertos e espaços livres: um estudo de tipologias. Paisagem e ambiente: ensaios - n. 37, São Paulo, p. 121 – 144, 2016.
- LAMAS, José. Morfologia e Desenho da cidade. 6 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.
- OLIVEIRA
- QUEIROZ, M. V. D. Quem te vê não te conhece mais: arquitetura e cidade de Campina Grande em transformação (1930-1950). Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo. São Carlos, 2008.
- ROBBA, Fábio; MACEDO, Silvio. Praças brasileiras. 3 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.
- RODRIGUES, I. M. Praça da Graça e seu entorno: Influências e alterações. Da fundação da cidade de Parnaíba ao ano de 2008. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Piauí, 2014.
- SILVA, K. Q. Usos e representações das praças por moradores campinenses de diversas gerações. In: Anais do II Seminário Internacional História do Tempo Presente, Florianópolis, 13 a 15 de outubro de 2014.
- SILVA, M. R. CIVILIZANDO OS FILHOS DA “RAINHA”, CAMPINA GRANDE: modernização, urbanização e grupos escolares (1935 a 1945). Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Ciência Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba – UFPB, 2011.

- SOUSA, A. C. B. Lazer, prazer e dor em Campina Grande nas décadas de 1940-1950. In: Revista Espacialidades [online]. 2012, v. 5, n. 4. ISSN 1984-817x.